

le ne fay rien  
sans  
**Gayeté**

*(Montaigne, Des livres)*

Ex Libris  
José Mindlin



CRUZ E SOUZA

# PHARÓES



LAEMMERT & CO  
LIVRARIA UNIVERSAL  
\* S. PAULO \*

RIO DE JANEIRO

1900



---

**TYPOGRAPHIA DO INSTITUTO PROFISSIONAL**  
**Rio de Janeiro**





**PHARÓS**



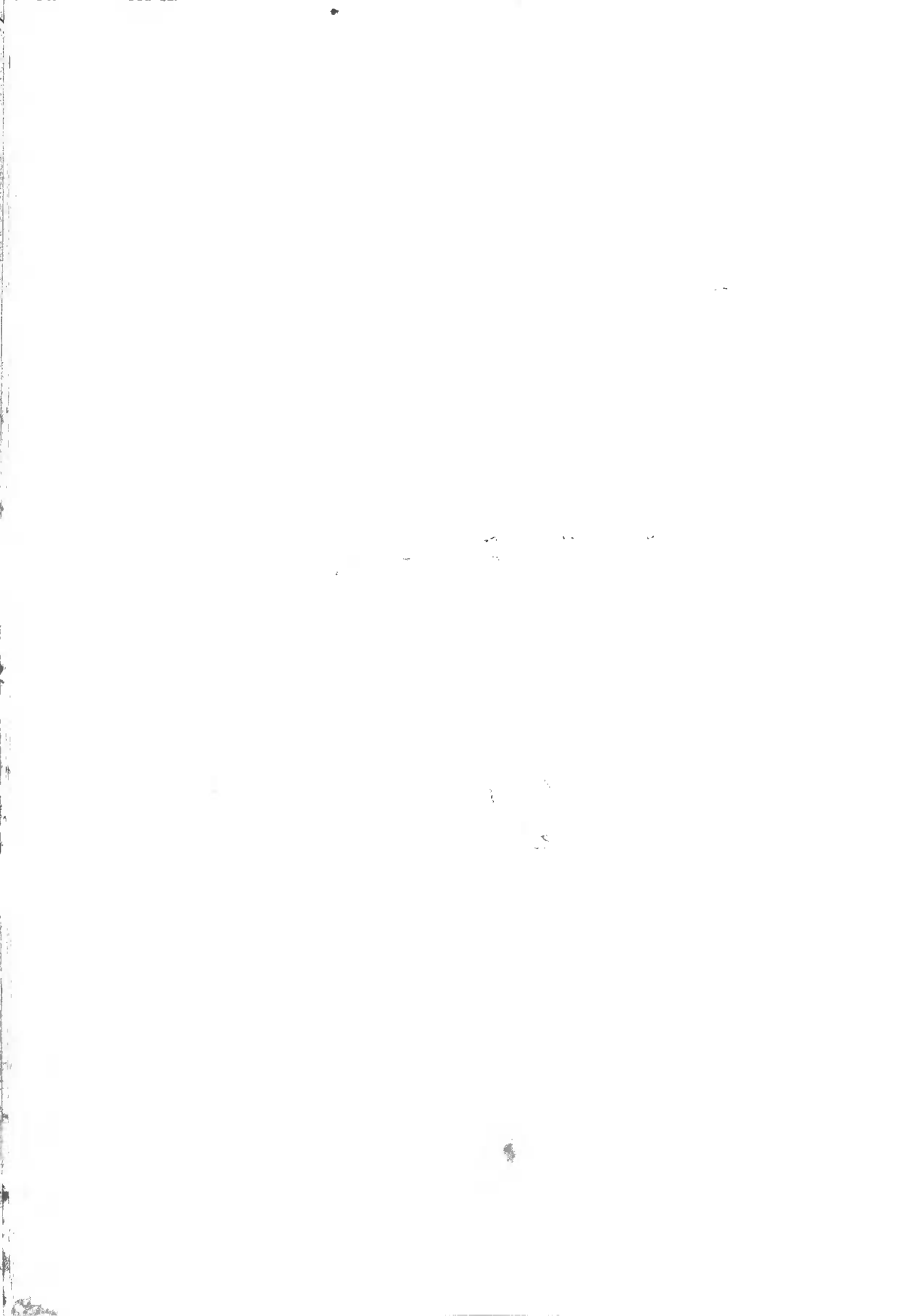
CRUZ E SOUZA

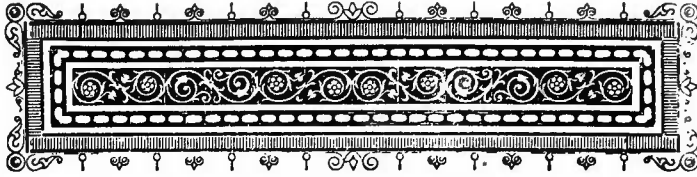
# PHARÓES



RIO DE JANEIRO

—  
1900





## RECÓLTA D'ESTRELLAS

(A Tiburcio de Freitas)

Filho meu, de nome escripto  
Da minh'alma no Infinito.

Escripto a estrellas e sangue  
No pharol da lua langue...

Das tuas azas serenas  
Faz manto para estas penas.

Dá-me a esmola de um carinho  
Como a luz de um claro vinho.

Com tua mão pequenina  
Caminhos em flôr me ensina.

Com teu riso fresco e suave  
Oh! dá-me do encanto a chave.

Do teu florão d'Innocencia  
Dá-me as rosas da Clemencia.

Como outro Jesús bambino,  
Esclarece-me o Destino.

Traz luz ao mundano pégo  
Onde sigo, mudo e cégo...

Com teus enleios e graça  
Nos meus cuidados perpassa.

Este peito accênde, inflamma  
Na mais sacrosanta chamma.

Faz brotar nevados lyrios  
Das cruzes dos meus martyrios.

Dá-me um sol de estranho brilho,  
Flôr das lágrimas, meu filho.

Rebento triste, orvalhado  
Com tanto pranto chorado.

Filho das ancias, das ancias,  
Das mysteriosas fragrancias.

---

Filho de aromas secrétos  
E de desejos inquietos.

De suspiros anhelantes  
E impaciencias clamantes.

Filho meu, thesouro mago  
De todo este affecto vago...

Filho meu, torre mais alta  
De onde o meu amôr se exalta.

Amphora azul, de onde o incenso  
Dos sonhos se eléva denso.

Constellação flammejada  
De toda esta vida anciada.

Crysol onde lento, lènto  
Purifico o Sentimento.

Iris curioso onde gyro  
E allucinado deliro.

Signo dos signos extremos  
Destes tormentos supremos.

Orbita de astros onde paio  
E em febre de luz desvairo.

Vertigem, vertigem viva  
Da paixão mais convulsiva.

Traz-me unção, traz-me concórdia  
E paz e misericórdia.

Do teu sorriso a frescura  
Rios de ouro abra, na Altura.

Abra, accenda labarédas,  
Illuminando-me as quédas.

Flôr nocturna da luxuria  
Brotada de haste purpurea.

Dos teus olhos dadivosos  
Escorram óleos preciosos...

Oleos candidos, dos mundos  
Maravilhosos, profundos.

Oleos virgens se derramem  
E o meu viver embalsamem.

Embalsamem de eloquentes,  
Celestes dôns prefulgentes.

Para que eu póssa com calma  
Erguer os castellos da alma.

Para que eu durma tranquillo  
Lá no sepulchral Sigillo.

O' meu Filho, ó meu eleito  
Deslumbramento perfeito.



Traz novo esplendor ao facho  
Com que altos Mystérios acho.

Meu Filho, frágil e téрно,  
Soccórre-me do atro Inferno.

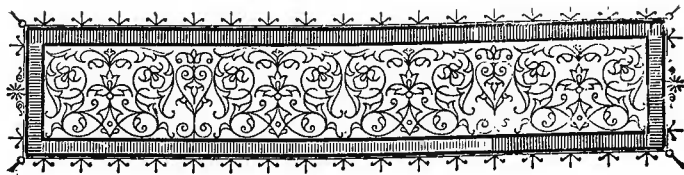
Onde vibram gladios duros  
Por ergástulos escuros.

E cruzam flammíneas, fortes,  
Negras vidas, negras mortes.

Onde técem Satanazes  
Sete circulos vorazes...

1º de Outubro de 1895.

---



## RECÓRDA !

Quando a onda dos desejos inquietantes,  
Que do peito transbórda,  
Morrer, enfim, nas amplidões distantes,  
Recórda-te, recórda...

Revive dessa musica já finda  
Que nas estrelas dórme.  
Volta-te ao mundo seductor ainda  
Da Ilusão multiforme !

---

Vólta, recórda eternamente, vólta  
Aos pharóes da Esperança,  
Do Sonho estranho as grandes azas sólta  
A' celeste Bonança.

Recórda mágoas, lagrimas e risos  
E soluços e anceios...  
Revive dos nevoeiros indecisos  
E dos vãos devaneios.

Revive ! Gósa ! Desolado, embóra,  
Sorrindo e soluçando,  
Erguendo os véos de já passada aurora,  
Recordando e sonhando...

Cada alma tem seu intimo recato  
N'uma estrella perdida  
E cada coração intemerato  
Tem na estrella uma vida.

Applica o ouvido á correnteza fria  
Dos golphões da materia  
E recórda de que lama sombria  
E composta a miséria.

Recórda ! Sonha ! Nas estrellas érra,  
Beduino do Espaço.  
Aos sonhos brancos, que não são da Terra,  
Dá, sorrindo, o teu braço...

Dá o teu braço, pelos céus sorrindo  
E recordando parte  
E has de entender os claros céus, sentindo  
Que andas a recordar-te.

Bate á porta dos Astros solitarios  
Dos eternos Fulgôres,  
Em busca desses mortos visionarios,  
Almas de sonhadores.

Ah ! vólta á infancia dos primeiros beijos,  
Dos momentos sidereos,  
Volta á sêde dos ultimos desejos,  
Dos primeiros mysterios !

Ah ! volta aos desenganos primitivos,  
Volta á essencia dos annos,  
Volta aos espectros tristemente vivos,  
Ah ! volta aos desenganos !

Volta aos serenos, floridos oásis,  
Volta aos hymnos profundos,  
Volta ás efflorescencias dos Lilazes,  
Volta, volta a esses mundos !

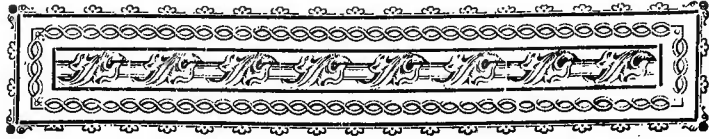
Fique na Sombra e no Silencio d'alma  
Todo o teu ser dolente,  
Para tranquillo, com ternura e calma,  
Recordar docemente...

Na Sombra então e no Silencio denso,  
Como em mágicas plagas,  
Faz accender o alampadario immenso  
Das Recordações vagas...

Pousa a cabeça, meigamente pousa  
Nesse agosto Quebranto  
E nem da Terra a mais ligeira cousa  
Te desperte do Encanto.

Para o Amôr, para a Dôr e para o Sonho  
Nas Esphéras transbórda...  
E entre um soluço e um segredo risonho  
Recórda-te, recórda...

---



## CANÇÃO DO BEBADO

Na lama e na noite triste  
Aquelle bebado ri !  
Tu' alma velha onde existe ?  
Quem se recórda de ti ?

Por onde andam teus gemidos,  
Os teus noctambulos ais ?  
Entre os bebados perdidos  
Quem sabe do teu — jamais ?

Porque é que ficas á lua  
Comtemplativo, a vagar ?  
Onde a tua noiva nua  
Foi tão depressa a enterrar ?

Que flôres de graça doente  
Tua fronte vem florir  
Que ficas amargamente  
Bebado, bebado a rir ?

Que vês tu nessas jornadas ?  
Onde está o teu jardim  
E o teu palacio de fadas,  
Meu somnambulo arlequim ?

De onde trazes essa bruma,  
Toda essa névoa glacial  
De flôr de languida espuma,  
Regada de óleo mortal ?

Que soluço extravagante,  
Que negro, soturno fél  
Põe no teu ser doudejante  
A confusão da Babel ?

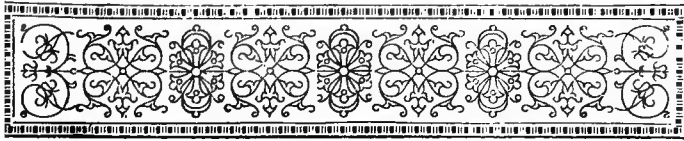
Ah ! das lagrimas insanas  
Que ao vinho misturas bem,  
Que de visões sobrehumanas  
Tu'alma e teus olhos têm !

Bocca abysmada de vinho,  
Olhos de pranto a correr,  
Bemdito seja o carinho  
Que já te faça morrer !

Sim ! Bemdita a cóva estreita,  
Mais larga que o mundo vão,  
Que póssa conter direita  
A noite do teu caixão !

---





## A FLOR DO DIABO

Branca e floral como um jasmim do Cabo,  
Maravilhosa resurgio um dia  
A fatal Creação do fulvo Diabo,  
Eleita do peccado e da Harmonia.

Mais do que tudo tinha um ar funesto,  
Embora tão radiante e fabulosa.  
Havia subtilezas no seu gesto  
De recordar uma serpente airosa.

Branca, surgindo das vermelhas chammas  
Do Inferno inquisidor corrupto e langue,  
Ella lembrava, Flor de excelsas famias,  
A Via-Lactea sobre um mar de sangue.

Foi n'um momento de saudade e tédio,  
De grande tédio e singular Saudade,  
Que o Diabo, já das culpas sem remedio,  
Para formar a egrégia magestade,

Gerou, da poeira quente das areias  
Das praias infinitas do Desejo,  
Essa langue sereia das sereias,  
Desencantada com o calor de um beijo.

Sobre galpões de sonho os seus palacios  
Tinham bizzaros e galhardos luxos.  
Mais grave de eloquencia que os Horacios,  
Vivia a vida dos perfectos bruxos.

Somno e preguiça, mais preguiça e somno,  
Luxurias de nababo e mais luxurias,  
Molles coxins de languido abandono  
Por entre estranhas florações purpureas.

A's vezes, sob o luar, nos rios mortos,  
Na vaga ondulação dos lagos frios,  
Boiavam diabos de chavelhos tortos,  
E de vultos macabros, fugidios.

---

A lua dava sensações inquietas  
A's paisagens avernicas em torno  
E alguns demonios com perfis de ascetas  
Dormiam no luar um somno morno...

Foi por horas de Scysma, horas ethéreas  
De magia secreta e triste, quando  
Nas lagoas lethificas, sidéreas,  
O cadaver da lua vae boiando...

Foi n'uma d'essas noites taciturnas  
Que o velho Diabo, sabio d'entre os sabios,  
Desencantado o seu poder das furnas,  
Com o riso augusto a flammejar nos labios,

Formou a flor de encantos exquisitos  
E de essencias esdruxulas e finas,  
Pondo n'ella oscillantes infinitos  
De vaidades e graças femininas.

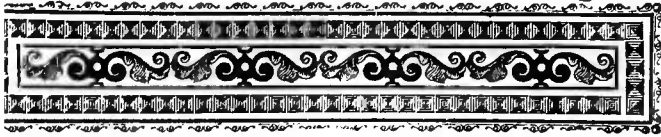
E deu-lhe a quintessencia dos aromas,  
Sonoras harpas de alma, extravagancias,  
Pureza hostial e púbere de pômas,  
Toda a melancolia das distancias...

Para haver mais requinte e haver mais viva,  
Doce belleza e original caricia,  
Deu-lhe uns toques ligeiros de ave esquiva  
E uma aureola secreta de malicia.

Mais hoje o Diabo já senil, já fossil,  
Da sua Creação desiludido,  
Perdida a antiga ingenuidade docil,  
Chora um pranto nocturno de Vencido.

Como do fundo de vitraes, de frescos  
De gothicas capellas isoladas,  
Chora e sonha com mundos pittorescos,  
Na nostalgia das Regiões Sonhadas.

---



## AS ESTRELLAS

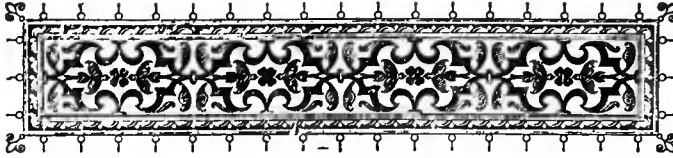
Lá, nas celestes regiões distantes,  
No fundo melanchólico da Esphéra,  
Nos caminhos da eterna Primavera  
Do amor, eis as estrellas palpitantes.

Quantos mysterios andarão errantes,  
Quantas almas em busca da Chiméra,  
Lá, das estrellas nessa paz austéra  
Soluçarão, nos altos céos radiantes.

Finas flôres de pérolas e prata,  
Das estrellas serenas se desata  
Toda a caudal das illusões insanas.

Quem sabe, pelos tempos esquecidos,  
Se as estrellas não são os ais perdidos  
Das primitivas legiões humanas ? !

---



# PANDEMONIUM

(A Mauricio Jubim)

Em fundo de tristeza e de agonia  
O teu perfil passa-me noite e dia.

Afflicto, afflicto, amargamente afflicto,  
Num gesto estranho que parece um grito.

E ondula e ondula e palpitando vaga,  
Como profunda, como velha chaga.

E paira sobre ergástulos e abysmos  
Que ábrem as boccas cheias de exorcismos.

Com os olhos vêsgos, a fluctuar d'esguelha,  
Sêgue-te átraz uma visão vermelha.

Uma visão gerada do teu sangue  
Quando no Horrôr te debateste exangue.

Uma visão que é tua sombra pura  
Rodando na mais trágica tortura.

A sombra dos supremos soffrimentos  
Que te abaláram como negros ventos.

E a sombra as tuas voltas acompanha  
Sangrenta, horrível, assombrosa, estranha.

E o teu perfil no vácuo perpassando  
Vê rubros caractéres flammejando.

Vê rubros caractéres singulares  
De todos os festins de Balthazares.

Por toda a parte escripto em fogo eterno:  
Inferno! Inferno! Inferno! Inferno! Inferno!

E os emissarios espectraes das mortes  
Abrindo as grandes azas flammi-fortes...

E o teu perfil oscilla, treme, ondula,  
Pelos abysmos eternaes circula...

Circula e váe gemendo e váe gemendo  
E suspirando outro suspiro horrendo.



---

E a sombra rubra que te váe seguindo  
Tambem parece ir soluçando e rindo.

Ir soluçando, de um soluço cavo  
Que dos venenos traz o torvo travo.

Ir soluçando e rindo entre vorazes  
Satanismos diabolicos, mordazes.

E eu já nem sei se é realidade ou sonho  
Do teu perfil o divagar medonho.

Não sei se é sonho ou realidade todo  
Esse accordar de chammas e de lodo.

Tal é a poeira extrema confundida  
Da morte a raios de ouro de outra Vida.

Taes são as convulsões do ultimo arranco  
Presas a um sonho celestial e branco.

Taes são os vagos circulos inquietos  
Dos teus gyros de lagrimas secrétos.

Mas, de repente, eis que te reconheço,  
Sinto da tua vida o amargo preço.

Eis que te reconheço escravizada,  
Divina Mãe, na Dôr acorrentada.

Que reconheço a tua bocca presa  
Pela mordação de uma sêde accêsa.

Presa, fechada pela atroz mordança  
Dos fundos desesperos da Desgraça.

Eis que lembro os teus olhos visionarios  
Cheios do fél de barbaros Calvarios.

E o teu perfil azas abrir parece  
Para outra Luz onde ninguem padéce...

Com doçuras feéricas e meigas  
De Satans juvenis, ao luar, nas veigas.

E o teu perfil fórma um saudoso vulto  
Como de Santa sem altar, sem culto.

Fórma um vulto saudoso e peregrino  
De força que voltou ao seu destino.

De ser humano que soffrendo tanto  
Purificou-se nos Azues do Encanto.

Subio, subio e mergulhou sósinho,  
Desamparado, no lethal caminho.

Que lá chegou transfigurado e aéreo,  
Com os aromas das flôres do Mystério.

Que lá chegou e as mortas portas mudas  
Fez abalar de imprecações agudas...

E váe e váe o teu perfil ancioso,  
De ondulações phantasticas, brumoso.

---

E váe perdido e váe perdido, errante,  
Tremulo, triste, vaporoso, ondeante.

Váe suspirando, n'um suspiro vivo  
Que palpita nas sombras incisivo...

Um suspiro profundo, tão profundo  
Que arrasta em si toda a paixão do mundo.

Suspiro de martyrio, de anciedade,  
De allivio, de mysterio, de saudade.

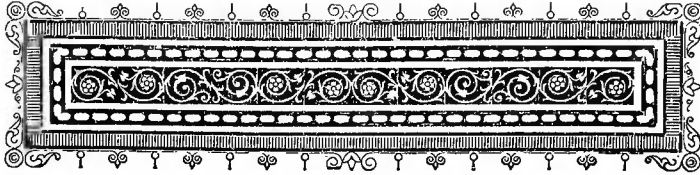
Suspiro immenso, atterrador e que érra  
Por tudo e tudo eternamente attérra...

O pandemonium de suspiros sôltos  
Dos condemnados corações revôltos.

Suspiro dos suspiros anciados  
Que rasgam peitos de dilacerados.

E mudo e pasmo e compungido e absorto,  
Vendo o teu lento e doloroso gyro,  
Fico a scysmar qual é o rio morto  
Onde vae divagar esse suspiro.

---



## ENVELHECER

Flôr d'indolencia, fina e melindrosa,  
Captivante sereia da esperança,  
Cêdo tivéste a crença dolorosa  
De quanto a vida é velha e como cança...

Na languida, na mórna morbidez  
Do teu amargo e triste celibato,  
Tu te fechaste para a Natureza  
Como a lua no célico recato.

No fundo delicado dos teus seios  
Foste esconder os sentimentos vagos,  
E todos os dolentes devaneios  
Das estrellas sonhando á flôr dos lagos.

---

Todas as altas células de ouro e prata  
De teu claustro de Virgem sem affecto  
Fecharam sobre tu'alma tímorata  
Austéras portas, com fragôr secreto.

No entanto havia no teu corpo ondeante  
As delicias subtis de um céu fugace...  
E éra talvez o encanto mais picante  
A graça aldeã do teu nariz rapace.

Teus olhos tinham certa mágoa nobre  
E certo fundo de doirado abysmo.  
E a malicia que logo se descobre  
Em olhos de felino narcotismo.

Mas na bocca trazias todo o occulto  
Tóque sombrio de ironia grave...  
E como que as bellezas do teu vulto  
Abriam azas peregrinas de ave.

Tinhas na bocca esse elixir ardente  
Da volupia mortal dos gosos e éssa  
Chamma de bocca, feita unicamente  
Para no goso envelhecer depréssa.

E envelheceste tanto, muito cêdo,  
Sumiu-se tão depressa o teu encanto,  
Foi tão fallaz o seductor segredo  
Do teu carnal e languido quebranto !

Envelheceste para os vãos idyllios,  
Para os estranhos estremecimentos,  
Para os brilhos iriantes dos teus cilios  
E para os sepulchraes esquecimentos.

Envelheceste para os vãos amores,  
E para os olhos, para as mãos que abrias  
Como dous talismans de brancas flôres  
E de leves e doces harmonias...

Presa, sem ar, sem sol, crepusculada  
No celibato que não tem perfume  
De todo envelheceste abandonada,  
Já como um ser que não provóca ciume.

Envelhecer é reduzir a vida  
A sentimentos de tristeza austéra,  
Enclausural-a n'uma grave ermida  
De luto e de silencio sem chiméra.

E envelhecer na juventude flórea,  
Do celibato emmurchecido lyrio,  
É ficar sob os pállios da illusória  
Melancholia, como a luz de um cyrio...

Envelhecer assim, virgem e forte,  
É cerrar contra o mundo a rósea porta  
Do Amor e apenas esperar a Morte,  
A alma já muda, ha muito tempo morta.

---

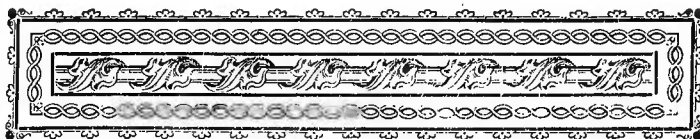
Envelheces de tédio, de canção,  
D'illusões e de scysmas e de penas,  
Como envelhéce no celeste espaço  
O turbilhão das estrellas serenas.

O Amor os corações fez interdictos  
Ao teu magoado coração captivo  
E apagou-te os sublimes infinitos  
Do seu clarão fecundador e vivo.

Hoje envelhéces na clausura immensa,  
Dentro de um sonho pállido fenéces.  
Tua belleza véste névoa densa,  
Em surdinas e sombras envelhéces.

De pranto e luar, n'um desolado mixto,  
Cáe a noite na tua puberdade  
E como a Rediviva do Imprevisto,  
Erras e sonhas pela Eternidade !

---



## FLORES DA LUA

Brancuras immortaes da Lua Nova,  
Frios de nostalgia e somnolencia...  
Sonhos brancos da Lua e viva essencia  
Dos phantasmas noctivagos da Cova.

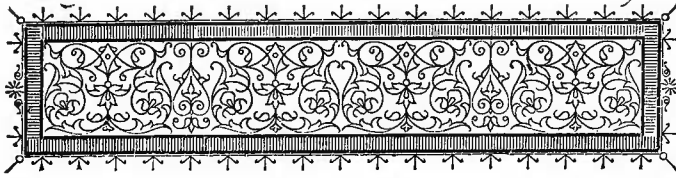
Da noite a tarda e taciturna trova  
Soluça, .n'uma tremula dormencia...  
Na mais branda, mais leve florescia  
Tudo em Visões e Imagens se renóva.



Mysterios virginaes dórmem no Espaço,  
Dormem o somno das profundas seivas,  
Monotono, infinito, estranho e lasso...

E das Origens na luxuria forte  
Abrem nos astros, nas sidereas leivas  
Flôres amargas do pallôr da Morte.

---



## TÉDIO

Valla commum de corpos que apodrecem,  
Esverdeada gangrena  
Cobrindo vastidões que phosphorecem  
Sobre a esfera terrena.

Bocejo tórvo de desejos turvos,  
Languecente bocejo  
De velhos diabos de chavelhos curvos  
Rugindo de desejo.

---

Sangue coalhado, congelado, frio,  
Espasmado nas veias...  
Pesadelo sinistro de algum rio  
De sinistras sereias...

Alma sem rumo, a modorrar de somno,  
Molle, turbida, lassa...  
Monotonias lubricas de um mono  
Dançando n'uma praça...

Mudas epilepsias, mudas, mudas,  
Mudas epilésias,  
Masturbações mentaes, fundas, agudas,  
Negras nevrostenias.

Flôres sangrentas do soturno vicio  
Que as almas queima e mórde...  
Musica estranha de lethal supplicio,  
Vago, mórbido accorde...

Noite cerrada para o Pensamento,  
Nebuloso degredo  
Onde em cavo clangor surdo do vento  
Rouco pragueja o medo.

Plaga vencida por tremendas pragas,  
Devorada por pestes,  
Esboroada pelas rubras chagas  
Dos incendios celestes.

Sabor de sangue, lagrimas e terra  
Revolvida de fresco,  
Guerra sombria dos sentidos, guerra,  
Tantalismo dantesco.

Silencio carregado e fundo e denso  
Como um poço secreto,  
Dobre pesado, carrilhão immenso  
Do segredo inquieto...

Florescencia do Mal, hediondo parto  
Tenebroso do crime,  
Pandemonium feral de ventre farto  
Do Nirvana sublime.

Delirio contorcido, convulsivo  
De felinas serpentes,  
No sillamento e no mover lascivo  
Das caudas e dos dentes.

Porco lugubre, lubrico, trevoso  
Do tabido peccado,  
Fussando colossal, formidoloso  
Nos lodos do passado.

Rhythmos de forças e de graças mortas,  
Melancolico exilio,  
Diffusão de um mysterio que abre portas  
Para um secreto idyllio...

---

Ocio das almas ou requinte d'ellas,  
Quintessencias, velhices  
De luas de nevróses amarellas,  
Venenosas meiguices.

Insomnia mórna e doente dos Espaços,  
Lethargia funérea,  
Vérmes, abutres a correr pedaços  
Da carne delectéria.

Um mixto de saudade e de tortura,  
De lama, de odio e de asco,  
Carnaval infernal da Sepultura,  
Risada do carrasco.

O' tédio amargo, ó tédio dos suspiros,  
O' tédio d'anciedades !  
Quanta vez eu não subo nos teus gyros  
Fundas eternidades !

Quanta vez envolvido do teu luto  
Nos sudarios profundos  
Eu, calado, a tremer, ao longe, escuto  
Desmoronarem mundos !

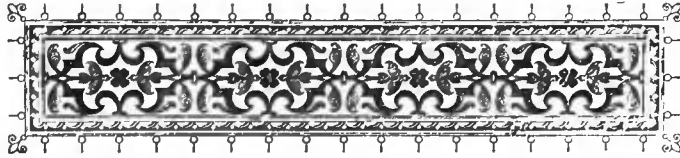
Os teus soluços, todo o grande pranto,  
Taciturnos gemidos,  
Fazem gerar flores de amargo encanto  
Nos corações doridos.

Tédio ! que pões nas almas olvidadas  
Ondulações de abysmo  
E sombras vês gas, lividas, paradas,  
No mais feroz mutismo !

Tédio do Requiem do Universo inteiro,  
Morbus negro, nefando,  
Sentimento fatal e derradeiro  
Das estrellas gelando...

O' Tédio ! Rei da Morte ! Rei bohemio !  
O' Phantasma enfadonho !  
E's o sol negro, o creador, o gêmeo,  
Velho irmão do meu sonho !

---



## LYRIO ASTRAL

Lyrio astral, ó lyrio branco  
O' lyrio astral,  
No meu derradeiro arranco  
Sê cordial!

Perfuma de graça leve  
O meu final  
Com o doce perfume breve,  
O' lyrio astral!

Dá-me esse óleo sacrosanto,  
Toda a caudal  
Do óleo casto do teu pranto,  
O' lyrio astral !

Traz-me o allivio dos allivios,  
O' virginal,  
O' lyrio dos lyrios niveos,  
O' lyrio astral !

D'entre as sonatas da lua  
Celestial,  
Lyrio, vem, lyrio, fluctúa,  
O' lyrio astral !

Dos raios das noites de ouro,  
Do Roseiral,  
Do constellado thesouro,  
O' lyrio astral,

Disprende o fino perfume  
Ethereal  
E vem do celeste lume,  
O' lyrio astral !

Da maviosa suavidade  
Do céo floral  
Traz a meiga claridade,  
O' lyrio astral !



---

Que bem dita e sempre pura  
E divinal  
Seja-me a tua frescura,  
O' lyrio astral !

Que ella, emfim, me transfigure,  
Na hora fatal  
E os meus sentidos apure,  
O' lyrio astral !

Que tudo que me é avaro  
De luz vital,  
Nessa hora se tórne claro,  
O' lyrio astral !

Que portas de astros, rasgadas  
N'um céo lyrial,  
Eu veja desassombradas,  
O' lyrio astral !

Que eu póssa, tranquillo, vêl-as,  
Limpo do mal,  
Essas mil portas d'estrellas,  
O' lyrio astral !

E penetrar n'ellas, calmo,  
Na paz mortal,  
Como um davidico psalmo,  
O' lyrio astral !

Vento velho que soluça  
Meu Sonho idéal,  
No Infinito se desbruçá,  
O' lyrio astral !

Por isso, lá, no Momento,  
Na hora lethal,  
Perfuma esse velho vento  
O' lyrio astral !

Traz a graça do Infinito,  
Graça immortal,  
Ao velho Sonho proscripto,  
O' lyrio astral !

Adóça-me o derradeiro  
Sonho feral,  
O' lyrio do astral Cruzeiro  
O' lyrio astral !

Sê, ó Lyrio, ó doce Lyrio  
De luz boréal  
Na morte o meu claro cyrio,  
O' lyrio astral !

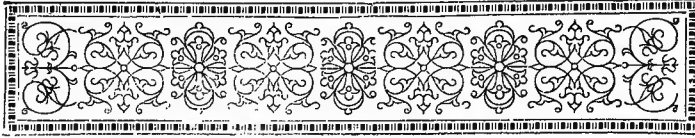
Perfuma, Lyrio, perfuma,  
Na hora glacial,  
Meu Sonho de Sol, de Bruma,  
O' lyrio astral !

---

Que eu suba na tua essência  
Sacramental  
Para a excélsa Transcendência,  
O' lyrio astral !

E lá, nas Mésses divinas,  
Paire, eternal,  
Nas Esphéras crystallinas,  
O' lyrio astral !

---



## SEM ESPERANÇA

O' candidos phantasmas da Esperança,  
Meigos espectros do meu vão Destino,  
Volvei a mim nas leves ondas do Hymno  
Sacramental da Bemaventurança.

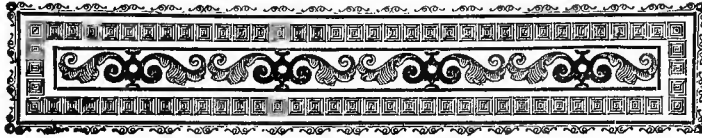
Nas verêdas da vida a alma não cança  
De vos buscar pelo Vergel divino  
Do céu sempre estrellado e diamantino  
Onde toda a alma no Perdão descança.

---

Na volupia da dor que me transporta,  
Que este meu ser transfunde nos Espaços,  
Sinto-te longe, ó Esperança morta.

E em vão alongo os vacillantes passos  
A' procura febril da tua porta,  
Da ventura celeste dos teus braços.

---



## CAVEIRA

### I

Olhos que foram olhos, dous buracos  
Agora, fundos, no ondular da poeira...  
Nem negros, nem azues e nem opácos.  
Caveira !

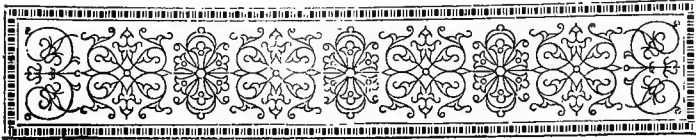
### II

Nariz de linhas, correcções audazes,  
De expressão aquilina e feiticeira,  
Onde os olfactos virginaes, fallazes ?!  
Caveira ! Caveira !!

## III

Bocca de dentes limpidos e finos,  
De curva leve, original, ligeira,  
Que é feito dos teus risos crystallinos ? !  
Caveira ! Caveira !! Caveira !!!

---



## REQUIEM DO SÓL

Aguia triste do Tédio, sól cançado,  
Velho guerreiro das batalhas fortes!  
Das Illusões as trémulas cohortes  
Buscam a luz do teu clarão magoado...

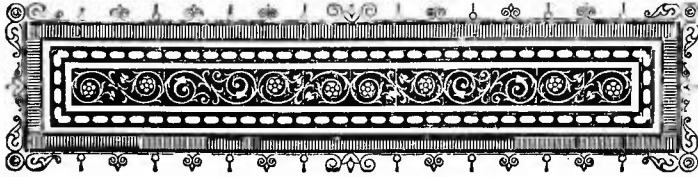
A tremenda avalanche do Passado  
Que arrebatou tantos milhões de mortes  
Passa em tropél de tragicos Mavortes  
Sobre o teu coração ensanguentado...



Do alto domina7 vastidões suprêmas,  
Aguia do Tédio prêsa nas algêmas  
Da Legenda immortal que tudo engêlha...

Mas lá, na Eternidade, de onde habitas,  
Vagam finas tristezas infinitas,  
Todo o mysterio da belleza velha !

---



## ESQUECIMENTO

O' Estrellas tranquillas, esquecidas  
No seio das Esphéras,  
Velhos biliões de lagrimas, de vidas,  
Refulgentes Chiméras.

Astros que recordais infancias de ouro,  
Castidades serenas,  
Irradiações de magico thesouro,  
Aromas de assucenas.

Rosas de luz do céu resplandescente,  
O' Estrellas divinas,  
Sereias brancas da região do Oriente,  
O' Visões peregrinas!

Aves de ninhos de frouxéis de prata  
Que cantais no Infinito  
As Letras da Canção intemerata  
Do Mystério bemdito.

Thuribulos de graça e encantamento  
Das sidéreas umbéllas,  
Desvendai-me as Mansões do Esquecimento,  
Radiantes sentinellas.

Dizei que pallidez de mortos lyrios  
Ha por estas estradas  
E se terminam todos os martyrios  
Nas brumas encantadas.

Se nessas brumas encantadas chóram  
Os anceios da Terra,  
Se os lyrios mortos que ha por lá se auróram  
De purpuras de guerra.

Se as que ha por cá titánicas cegueiras,  
Atordoadas victorias,  
Embebédam os seres ñas poncheiras  
E no gozo das glórias !

O céu é o berço das estrellas brancas  
Que dormem de cansaço...  
E das almas olympicas e francas  
O ridente regaço...

Só elle sabe, o claro céu tranquillo  
    Dos grandes resplendores,  
Qual é das almas o eternal sigillo,  
    Qual o cunho das dores.

Só elle sabe, o céu das quintessências,  
    O Esquecimento ignóto  
Que tudo envolve nas lethaes diluências  
    De um occaso remóto...

O Esquecimento é flôr, subtil, celeste,  
    De pallidez risonha.  
A alma das cousas languemente véste  
    De um véo, como quem sonha.

Tudo no esquecimento se adelgaça...  
    E nas zonas de tudo  
Na candura de tudo, extremo, passa  
    Certo mysterio mudo.

Como que o coração fica cantando  
    Porque, tremulo, esquece,  
Vivendo a vida de quem vae sonhando  
    E no sonho estreméce...

Como que o coração fica sorrindo  
    De um modo grave e triste,  
Languidamente a meditar, sentindo  
    Que o esquecimento existe.

Sentindo que um encanto ethéreo e mago,  
    Mas um livido encanto  
Põe nos semblantes um luar mais vago,  
    Enche tudo de pranto.

Que um concerto de supplicas, de mágoa,  
De martyrios secrétos,  
Vae os olhos tornando rasos d'agoa  
E turvando os objectos...

Que um soluço cruel, desesperado  
Na garganta rebenta...  
Emquanto o Esquecimento allucinado  
Móve a sombra nevoenta !

O' rio rôxo e triste, ó rio morto,  
O' rio rôxo, amargo...  
Rio de vãs melancolias de Horto  
Cahidas do céu largo !

Rio do esquecimento tenebroso,  
Amargamente frio,  
Amargamente sepulchral, lutuoso,  
Amargamente rio !

Quanta dor nessas ondas que tu lévas,  
Nessas ondas que arrastas,  
Quanto supplicio nessas tuas trévas,  
Quantas lagrimas castas !

O' meu verso, ó meu verso, ó meu orgulho,  
Meu tormento e meu vinho,  
Minha sagrada embriaguez e arrulho  
De aves formando ninho.

Verso que me acompanhas no Perigo  
Como lança preclara,  
Que este peito defende do inimigo  
Por estrada tão rara !

O' meu verso, ó meu verso soluçante,  
Meu segredo e meu guia,  
Tem dó de mim lá no supremo instante  
Da suprema agonia.

Não te esqueças de mim, meu verso insan  
Meu verso solitario,  
Minha terra, meu céu, meu vasto oceano,  
Meu templo, meu sacrario.

Embora o esquecimento vão dissolva  
Tudo, sempre, no mundo,  
Verso ! que ao menos o meu ser se envolva  
No teu amor profundo !

Esquecer é andar entre destróços  
Que além se multiplicam,  
Sem reparar na lividez dos ossos  
Nem nas cinzas que ficam...

E' caminhar por entre pezadellos,  
Somnambulo perfeito,  
Coberto de nevoeiros e de gelos,  
Com certa ancia no peito.

Esquecer é não ter lagrimas puras,  
Nem azas para beijos  
Que võem procurando sepulturas  
E queixas e desejos !

Esquecimento ! eclipse de horas mortas,  
Relógio mudo, incerto,  
Casa vasia... de cerradas portas,  
Grande vacuo, deserto.

---

Cinza que cáe nas almas, que as consome,  
Que apaga toda a flamma,  
Infinito crepusculo sem nome,  
Voz morta á voz que a chama.

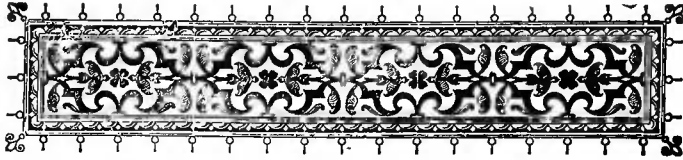
Harpa da noite irmã do Imponderavel,  
De sons languens e enfermos,  
Que Deus com o seu mysterio formidavel  
Faz calar pelos êrmos.

Solidão de uma plaga extrema e núa,  
Onde tragica e densa  
Chóra seus lyrios virginaes a lua  
Lividamente immensa.

Silencio dos silencios suggestivos,  
Grito sem écho, eterno  
Sudario dos Azues contemplativos,  
Florecencia do Inferno.

Esquecimento ! Fluido estranho, de ancias,  
De negra magestade,  
Soluço nebuloso das Distancias  
Enchendo a Eternidade !

---



## VIOLÕES QUE CHORAM...

Ah ! plangentes violões dormentes, mornos,  
Soluços ao luar, choros ao vento...  
Tristes perfis, os mais vagos contornos,  
Boccas murmurejantes de lamento.

Noites de além, remotas, que eu recordo,  
Noites da solidão, noites remotas  
Que nos azues da Phantasia bordo,  
Vou constellando de visões ignotas.



---

Subtis palpitações á luz da lua,  
Anceio dos momentos mais saudosos,  
Quando lá choram na deserta rua  
As cordas vivas dos violões chorosos.

Quando os sons dos violões vão soluçando,  
Quando os sons dos violões nas cordas gemem,  
E vão dilacerando e deliciando,  
Rasgando as almas que nas sombras tremem.

Harmonias que pungem, que laceram,  
Dedos nervosos e ageis que percorrem  
Cordas e um mundo de dolencias geram,  
Gemidos, prantos, que no espaço morrem...

E sons soturnos, suspiradas magoas,  
Magoas amargas e melancolias,  
No sussurro monotonico das agoas,  
Nocturnamente, entre ramagens frias.

Vozes velladas, velludasas vozes,  
Volupias dos violões, vozes velladas,  
Vagam nos velhos vortices vellozes  
Dos ventos, vivas, vans, vulcanisadas.

Tudo nas cordas dos violões echoa  
E vibra e se contorce no ar, convulso...  
Tudo na noite, tudo clama e vôa  
Sob a febril agitação de um pulso.

Que esses violões nevoentos e tristonhos  
São ilhas de degredo atroz, funereo,  
Para onde vão, fatigadas do sonho,  
Almas que se abysmaram no mysterio.

Sons perdidos, nostalgicos, secretos,  
Finas, diluidas, vaporosas brumas,  
Longo desolamento dos inquietos  
Navios a vagar á flor d'espumas.

Oh ! languidez, languidez infinita,  
Nebulosas de sons e de queixumes,  
Vibrado coração de ancia exquisita  
E de gritos felinos de ciumes !

Que encantos acres nos vadios rotos  
Quando em toscos violões, por lentas horas,  
Vibram, com a graça virgem dos garotos,  
Um concerto de lagrimas sonoras !

Quando uma voz, em tremolos, incerta,  
Palpitando no espaço, ondula, ondeia,  
E o canto sobe para a flor deserta,  
Soturna e singular da lua cheia.

Quando as estrellas magicas florecem,  
E no silencio astral da Immensidade  
Por lagos encantados adormecem  
As pallidas nymphéas da Saudade !

---

Como me embala toda essa pungencia,  
Essas lacerações como me embalam,  
Como abrem azas brancas de clemencia  
As harmonias dos violões que falam !

Que graça ideal, amargamente triste,  
Nos languidos bordões plangendo passa...  
Quanta melancolia de anjo existe  
Nas Visões melodiosas dessa graça...

Que céu, que inferno, que profundo inferno,  
Que ouros, que azues, que lagrimas, que risos,  
Quanto magoado sentimento eterno  
Nesses rythmos tremulos e indecisos...

Que anhelos sexuaes de monjas bellas  
Nas ciliciadas carnes tentadoras,  
Vagando no recondito das cellas,  
Por entre as ancias dilaceradoras...

Quanta plebéa castidade obscura  
Vegetando e morrendo sobre a lama,  
Proliferando sobre a lama impura,  
Como em perpetuos turbilhões de chamma.

Que procissão sinistra de caveiras,  
De espectros, pelas sombras mortas, mudas...  
Que montanhas de dor, que cordilheiras  
De agonias asperrimas e agudas.

Véos neblinosos, longos véos de viúvas  
Enclausuradas nos feraes desterros,  
Errando aos sóes, aos vendavaes e ás chuvas,  
Sob abobadas lugubres de enterros ;

Velhinhas quêdas e velhinhos quedos,  
Cegas, cegos, velhinhas e velhinhos,  
Sepulchros vivos de senis segredos,  
Eternamente a caminhar sosinhos ;

E na expressão de quem se vai sorrindo,  
Com as mãos bem juntas e com os pés bem juntos  
E um lenço preto o queixo comprimindo,  
Passam todos os lividos defuntos...

E como que ha hystericos espasmos  
Na mão qué esses violões agita, largos...  
E o som sombrio é feito de sarcasmos  
E de somnambulismos e lethargos.

Phantasmas de galés de annos profundos  
Na prisão cellular atormentados,  
Sentindo nos violões os velhos mundos  
Da lembrança fiel de aureos passados ;

Meigos perfis de tysicos dolentes  
Que eu vi dentre os violões errar gemendo,  
Prostituidos de outr'ora, nas serpentes  
Dos vicios infernaes desfallecendo ;

Typos intonsos, esgrouviados, tortos,  
Das luas tardas sob o beijo niveo,  
Para os enterros dos seus sonhos mortos  
Nas queixas dos violões buscando allivio ;

Corpos frageis, quebrados, doloridos,  
Frouxos, dormentes, adormidos, languens,  
Na degenerescencia dos vencidos  
De toda a geração, todos os sangues ;

Marinheiros que o mar tornou mais fortes,  
Como que feitos de um poder extremo  
Para vencer a convulsão das mortes,  
Dos temporaes o temporal supremo ;

Veteranos de todas as campanhas,  
Enrugados por fundas cicatrizes,  
Procuram nos violões horas estranhas,  
Vagos aromas, candidos, felizes.

Ebrios antigos, vagabundos velhos,  
Torvos despojos da miseria humana,  
Tem nos violões secretos Evangelhos,  
Toda a Biblia fatal da dor insana.

Enxovalhados, tabidos palhaços  
De carapuças, mascaras e gestos  
Lentos e lassos, lubricos, devassos,  
Lembrando a florecencia dos incestos ;

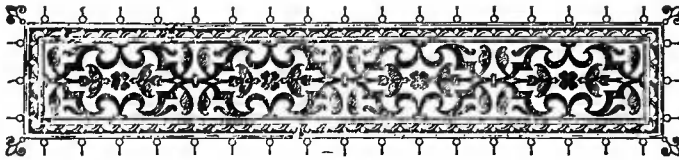
Todas as ironias suspirantes  
Que ondulam no ridículo das vidas,  
Caricaturas tetrícas e errantes  
Dos malditos, dos réos, dos suicidas ;

Toda essa labyrinthica nevrose  
Das virgens nos românticos enleios ;  
Os occasos do Amor, toda a chlorose  
Que occultamente lhes lacera os seios ;

Toda a morbida musica plebéa  
De requebros de faunos e ondas lascivas ;  
A langue, molle e morna melopéa  
Das valsas alanceadas, convulsivas ;

Tudo isso, n'um grotesco desconforme,  
Em ais de dor, em contorsões de açoites,  
Revive nos violões, acorda e dorme  
Através do luar das meias-noites !

---



## OLHOS DO SONHO

Certa noite soturna, solitaria,  
Vi uns olhos estranhos que surgiam  
Do fundo horror da terra funeraria  
Onde as visões somnambulas dormiam...

Nunca taes olhos divisei acaso  
Com meus olhos mortaes, allucinados...  
Nunca da terra neste leito raso  
Outros olhos eu vi transfigurados.

A luz que os revestia e alimentava  
Tinha o fulgôr das ardentias vagas,  
Um demonio noctambulo espiava  
De dentro d'elles como de igneas plagas.

E os olhos caminhavam pela treva  
Maravilhosos e phosphorecentes...  
Emquanto eu ia como um ser que léva  
Pezadellos phantasticos, trementes...

Na treva só os olhos, muito abertos,  
Seguiam para mim com magestade,  
Um sentimento de crueis desertos  
Me apunhalava com atrocidade.

Só os olhos eu via, só os olhos  
Nas cavernas da treva destacando :  
Pharóes de augurio nos feraes escolhos,  
Sempre, tenazes, para mim olhando...

Sempre tenazes para mim, tenazes,  
Sem pavôr e sem medo, resolutos,  
Olhos de tigres e chacaes vorazes  
No instante dos assaltos mais astutos.

Só os olhos eu via ! — o corpo todo  
Se confundia com o negrôr em vólta...  
O' allucinações fundas do lodo  
Carnal, surgindo em tenebrosa escólta !



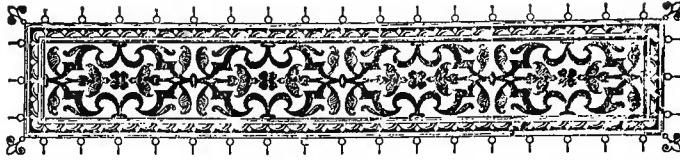
---

E os olhos me seguiam sem descanço,  
N'uma perseguição de atras voragens,  
Nos narcotismos dos venenos mansos,  
Como dous mudos e sinistros pagens.

E nessa noite, em todo o meu percurso,  
Nas voltas vagas, vans e vacillantes  
Do meu caminho, esses dous olhos de urso  
Lá estavam tenazes e constantes.

Lá estavam elles, fixamente elles,  
Quiétos, tranquillos, calmos e medonhos...  
Ah ! quem jamais penetrará n'aquelles  
Olhos estranhos dos eternos sonhos !

---



## ENCLAUSURADA

O' Monja dos estranhos sacrificios,  
Meu amor immortal, Ave de garras  
E azas gloriosas, triumphaes, bizarras,  
Alquebradas ao peso dos cilicios.

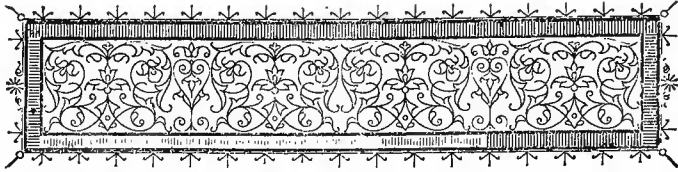
Reclusa flôr que os mais revéis flagicios  
Abalaram com as tragicas fanfarras,  
Quando em fórmãs exóticas de jarras  
Teu corpo tinha a embriaguez dos vicios,

---

Para onde foste, ó graça das mulheres,  
Graça viçosa dos vergéis de Céres,  
Sem que o meu pensamento te persiga ?!

Por onde eternamente enclausuraste  
Aquella ideal delicadeza de haste,  
De esbélta e fina atheniense antiga ?!

---



## MUSICA DA MORTE...

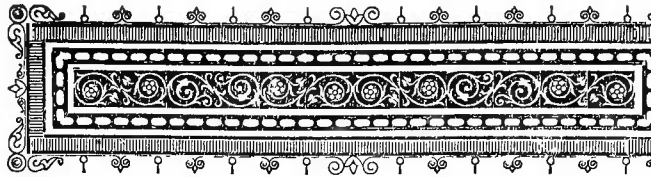
A musica da Morte, a nebulosa,  
Estranha, imensa musica sombria,  
Passa a tremer pela minh'alma e fria  
Géla, fica a tremer, maravilhosa...

Onda nervosa e atroz, onda nervosa,  
Léthes sinistro e torvo da agonia,  
Recrésce a lancinante symphonia,  
Sóbe, n'uma voluptia dolorosa...

Sóbe, recresce, tumultuando e amarga,  
Tremenda, absurda, imponderada e larga,  
De pavôres e trévas allucina...

E allucinando e em trévas delirando,  
Como um ópio lethal, vertiginando,  
Ôs meus nêrvos, lethargica, fascina...

---



## MONJA NEGRA

E' teu esse espaço, é teu todo o Infinito,  
Transcendente Visão das lagrimas nascida,  
Bemdito o teu sentir, para sempre bemdito  
Todo o teu divagar na Esphéra indefinida !

Atravez de teu luto as estrellas meditam  
Maravilhosamente e vaporosamente;  
Como olhos celestiaes dos Archanjos nos fitam  
Lá do fundo negrôr do teu luto plangente.

Almas sem rumo já, corações sem destino  
Vão em busca de ti, por vastidões incertas...  
E no teu sonho astral, mago e luciferino,  
Encontram para o amor grandes portas abertas.

Candida Flôr que aroma e tudo purifica,  
Trazes sempre contigo as subtis virgindades  
E uma caudal preciosa, interminavel, rica,  
De raras suggestões e curiosidades.

As bellezas do mytho, as grinaldas de louro,  
Os priscos ouropéis, os symbolos já vagos,  
Tudo fórma o painél de um velho fundo de ouro  
De onde surges em fim como as visões dos lagos.

Certa graça christã, certo excélso abandono  
De Deusa que emigrou de regiões de outr'ora,  
Certo aéreo sentir de esquecimento e outono,  
Trazem-te as emoções de quem medita e chóra.

E's o immenso crysol, és o crysol profundo  
Onde se crystallisam todas as bellezas,  
E's o nectar da Fé, de que eu melhor me inundo,  
O nectar divinal das mysticas purezas.

O' Monja soluçante! O' Monja soluçante,  
O' Monja do Perdão, da paz e da clemencia,  
Léva para bem longe este Desejo errante,  
Desta febre lethal toda secreta essencia.

Nosteus golfos de Além, nos lagos taciturnos  
Nos pélagos sem fim, vorazes e medonhos,  
Abafa para sempre os soluços nocturnos,  
E as dilacerações dos formidaveis Sonhos!

Não sei que Anjo fatal, que Satan fugitivo,  
Que genios infernaes, magnéticos, sombrios,  
Deram-te as amplidões e o sentimento vivo  
Do mysterio com todos os seus calafrios...

A lua vem te dar mais tragica amargura,  
E mais desolação e mais melancolia,  
E as estrellas, do céu na Eucharistia pura,  
Tem a magoa velada da Virgem Maria.

Ah! Noite original, noite desconsolada,  
Monja da solidão, espiritual e augusta,  
Onde fica o teu reino, a região vedada,  
A região secreta, a região vetusta?!

Almas dos que não tem o Refugio supremo  
De altas contemplações, dos mais altos mysteri  
Vinde sentir da Noite o Isolamento extremo,  
Os fluidos immortaes, angelicaes, ethéreos.

Vinde ver como são mais castos e mais bell.  
Mais puros que os do dia os nocturnos vapor  
Por toda a parte no ar levantam-se castel  
E nos parques do céu ha kermesses de amor



Volúpias, seducções, encantos feiticeiros  
Andam a embalsamar teu seio tenebroso  
E as aguias da Illusão, de vôos altaneiros,  
Crivam de azas triumphaes o horizonte onduloso.

Cavalleiros do Ideal, de erguida lança em riste,  
Sonham, a percorrer teus velhos Paços cavos...  
E esse nobre esplendor de magestade triste  
Recebe outros lauréis mais bizarros e bravos.

Convulsivas paixões, convulsivas nevróses,  
Recordações senis nos teus aspectos vagam,  
Mil allucinações, mortas apothéoses  
E mil philtros subtis que mórnamente embriagam.

O' grande Monja negra e transfiguradora,  
Magia sem igual dos páramos eternos,  
Quem assim te creou, selvagem Sonhadora,  
Da carícia de céus e do negrôr d'infernos?

Quem auréolas te deu assim miraculosas  
E todo o estranho casso e todo o estranho medo,  
Quem poz na tua treva onduições nervosas,  
E mudez e silencio e sombras e segredo?

Mas ah! quanto consolo andar errando, errando,  
Perdido no teu Bem, perdido nos teus braços  
Nos noivados da Morte andar alem sonhando,  
Na uncção sacramental dos teus negros Espaços!

Que glorioso trophéo andar assim perdido  
Na larga vastidão do mudo firmamento,  
Na noite virginal occultamente unguido,  
Nas transfigurações de humano sentimento !

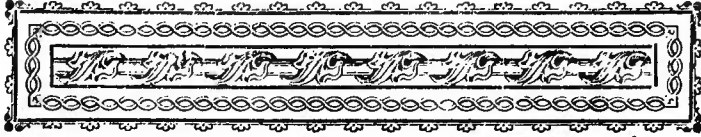
Faz descer sobre mim os brandos véos da calma,  
Symphonia da Dôr, ó Symphonia muda,  
Voz de todo o meu Sonho, ó noiva da minh'alma,  
Phantasma inspirador das Religiões de Bhuda.

O' negra Monja triste, ó grande Soberana,  
Tentadora Visão que me seduzes tanto,  
Abençôa meu ser no teu doce Nirvana,  
No teu Sepulchro ideal de desolado encanto !

Hostia negra e feral da communhão dos mortos,  
Noite creadora, mãe dos gnomos, dos vampiros,  
Passageira senil dos encantados portos,  
O' cégo sem bordão da torre dos suspiros...

Abençôa meu ser, unge-o dos óleos castos,  
Enche-o de turbilhões de somnambulas aves,  
Para eu me diffundir nos teus Sacrarios vastos,  
Para me consolar com os teus Silencios graves.

---



## INEXORAVEL

O' meu Amor, que já morreste,  
O' meu Amor, que morta estás !  
Lá nessa cova a que desceste,  
O' meu Amor, que já morreste,  
Ah ! nunca mais florescerás ? !

Ao teu esqualido esqueleto,  
Que tinha outr'ora de uma flôr  
A graça e o encanto do amuleto;  
Ao teu esqualido esqueleto  
Não voltará novo esplendor ? !

E, ah ! o teu craneo sem cabellos,  
Sinistro, sêcco, estéril, nú...  
( Bellas madeixas dos meus zêlos ! )  
E, ah ! o teu craneo sem cabellos  
Ha de ficar como estás tú ? !

O teu nariz de aza redonda,  
De linhas límpidas, subtis  
Oh ! ha de ser na lama hedionda  
O teu nariz de aza redonda  
Comido pelos vérmes vis ? !

Os teus dois olhos—dois encantos—  
De tudo, emfim, maravilhar,  
Sacratio augusto dos teus prantos,  
Os teus dois olhos --dois encantos—  
Em dois buracos vão ficar ? !

A tua bocca perfumosa,  
O céu do nectar sensual,  
Tão casta, fresca e luminosa,  
A tua bocca perfumosa  
Vae ter o cancro sepulchral ? !

As tuas mãos de nivea sêda,  
De veias candidas e azues  
Vão se extinguir na noite trêda  
As tuas mãos de nivea sêda,  
Lá nesses lugubres paús ? !

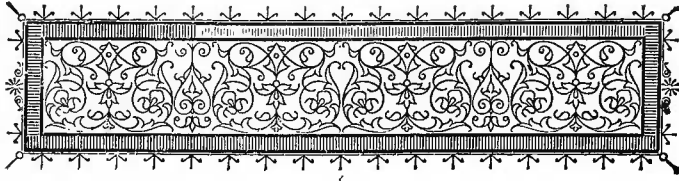
As tuas tentadoras pômas  
Cheias de um magnífico elixir,  
De quentes, calidos aromas  
As tuas tentadoras pômas  
Ah! nunca mais hão de florir ? !

---

A essencia virgem da belleza,  
O gesto, o andar, o sol da voz  
Que Illuminava de pureza,  
A essencia virgem da belleza,  
Tudo acabou no horror atroz ? !

Na funda treva dessa cova,  
Na inexoravel podridão  
Já te apagaste, Estrella nova,  
Na funda treva dessa cova,  
Na negra Transfiguração !

---



## REQUIEM

Como os psalmos dos Evangelhos celestiaes,  
Os sonhos que eu amei hão de acabar,  
Quando o meu corpo, tremulo, dos velhos  
Nos gelados outônos penetrar.

O rosto encarquilhado e as mãos já frias,  
Engelhadas, convulsas, a tremer,  
Apenas viverei das nostalgias  
Que fazem para sempre envelhecer.

Por meus olhos sem brilho e fatigados  
Como sombras de outr'ora, passarão  
As illusões de uns olhos constellados  
Que da Vida douraram-me a Illusão.

Mas tudo, emfim, as boccas perfumosas,  
O mar, o campo e tudo quanto amei,  
As auroras, o sol, passaros, rosas,  
Tudo rirá do estado a que cheguei.

Do brilho das estrellas crystallinas  
Virá um riso ironico de dôr,  
E da minh'alma subirão neblinas,  
Incensos vagos, canticos d'amôr.

Por toda a parte o amargo escarneo fundo,  
Sem já mais nada para mim florir,  
As risadas vandalicas do mundo,  
Seccos desdens por toda a parte a rir.

Que hão de ser vãos esforços da memoria  
Para lembrar os tempos virginaes,  
As rugas da materia transitoria  
Hão de lá estar como a dizer : — jamais !

E hei de subir transfigurado e lento  
Altas montanhas cheias de visões,  
Onde gelaram, n'um luar nevoento,  
Tantos e solitarios corações.

Recordarei as intimas ternuras  
De seres raros, porem mortos já,  
E de mim, do que fui, pelas torturas  
D'este viver pouco me lembrará.

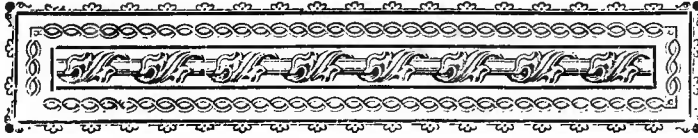
O mundo clamará sinistramente  
D'aquelle que a velhice alquebra e allúe...  
Mas ah ! por mais que clame toda a gente  
Nunca dirá o que de certo eu fui.

E os dias frios e ermos da Existencia  
Cahirão n'um crepusculo mortal,  
Na soluçante, mystica plangencia  
Dos orgãos de uma estranha cathedral.

Para me ungir no derradeiro e ancioso  
Olhar que a extrema commoção traduz,  
Sob o celeste pallio magestoso  
Hão de passar os Viacticos da luz.

---





## VISÃO

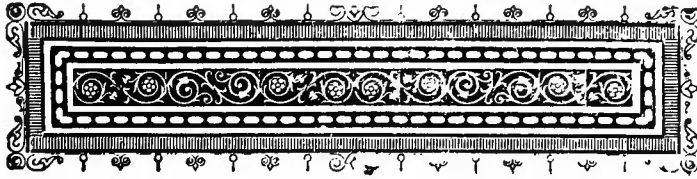
Noiva de Satanaz, Arte maldita,  
Mago Fructo lethal e prohibido,  
Somnambula do Além, do Indefinido  
Das profundas paixões, Dôr infinita.

Astro sombrio, luz amarga e afflicta,  
Das Illusões tantalico gemido,  
Virgem da Noite, do luar dorido,  
Com toda a tua Dôr oh ! sê bemdita !

Seja bemdito esse clarão eterno  
De sol, de sangue, de veneno e inferno,  
De guerra e amôr e occasos de saudade...

Sejam bemditas, immortalisadas  
As almas castamente amortalhadas  
Na tua estranha e branca Magestade !

---



## PRESAGO

Nas aguas d'aquelle lago  
Dormita a sombra d'Iago...

Um véu de luar funéreo  
Cóbre tudo de mysterio...

Ha um lívido abandono  
Do luar no estranho somno.

Transfiguração enórme  
Encóbrea o luar que dórme...

Dá meia-noite na ermida,  
Como o ultimo ai de uma vida.

São badaladas nevoentas,  
Somnolentas, somnolentas...

Do céu no estrellado luxo  
Passa o phantasma de um bruxo.

No mar tenebroso e tétro  
Vaga de um naufrago o espéctro.

Como phantasticos signos,  
Erram demonios malignos.

Na brancura das ossadas  
Gemem as almas penadas.

Lobis-homens, feiticeiras  
Gargalham no luar das eiras.

Os vultos dos enforcados  
Uivam nos ventos irados.

Os sinos das torres frias  
Soluçam hypocondrias.

Luxurias de virgens mortas  
Das tumbas rasgam as portas.

Andam tôrvos pezadellos  
Arripiando os cabellos.

Coálha nos lodos abjectos  
O sangue roxo dos fétos.

Ha rios máus, amarellos  
De presagio de flagéllos.

Das vesgas concupiscencias  
Sáem vis phosphorecencias.

Os remórsos contorcidos  
Mordem os ares pungidos.

A alma cobarde de Judas  
Recebe expressões cornudas.

Negras aves de rapina  
Mostram a garra assassina.

Sob o céu que nos opprime  
Languéscem fórmãs de crime.

Com os mais sinistros furôres,  
Saem gemidos das flôres.

Caveiras ! Que horrôr medonho !  
Parecem visões de um sonho !

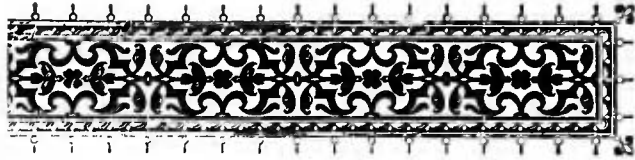
A morte com Sancho Pança,  
Grotesca e tragica, dança.

E como um symbolo eterno,  
Rhythmo dos Rythmos do inferno,

No lago morto, ondulando,  
D'entre o luar noctivagando,

O côrvo hediondo crocita  
Da sombra d'lago maldita!

---



## RESURREIÇÃO

Alma! Que tu não chores e não gemas,  
Teu amor voltou agora.  
Eil-o que chega das mansões extrêmas,  
Lá onde a loucura mora !

Veio mesmo mais bello e estranho, acaso,  
Desses lividos paizes.  
Magica flôr a rebentar de um vaso  
Com prodigiosas raizes.

Veio transfigurada e mais formosa  
Essa ingenua natureza,  
Mais agil, mais delgada, mais nervosa,  
Das essencias da Belleza.

Certo neblinamento de saudade  
Morbida envolve-a de leve...  
E essa diluente espiritualidade  
Certos mysterios descréve.

O meu Amor voltou de aéreas curvas,  
Das paragens mais funestas...  
Veio de percorrer tôrvas e turvas  
E funambulescas festas.

As festas turvas e funambulescas  
Da exotica Phantasia,  
Por plagas cabalísticas, dantescas,  
De estranha selvageria.

Onde carrascos de tremendo aspecto  
Como astros monstros circulam  
E as meigas almas de sonhar inquieto  
Barbaramente estrangulam.

Elle andou pelas plagas da loucura,  
O meu Amor abençoado,  
Banhado na poesia da Ternura,  
No meu Affecto banhado.



---

Andou ! Mas afinal de tudo veio,  
Mais transfigurado e bello,  
Repousar no meu seio o proprio seio  
Que eu de lagrimas estrélllo.

De lagrimas d'encanto e ardentes beijos,  
Para matar, triumphante,  
A sêde ideal de mystico desejo  
De quando elle andou errante.

E lagrimas, que enfim, caem ainda  
Com os mais ácres dos sabôres  
E se transfórmam ( maravilha infinda ! )  
Em maravilhas de flôres !

Ah ! que feliz um coração que escuta  
As origens de que é feito !  
E que não é nenhuma pedra bruta  
Mumificada no peito !

Ah ! que feliz um coração que sente  
Ah ! tudo vivendo intenso  
No mais profundo borbulhar latente  
Do seu fundo fóco immenso !

Sim ! eu agora pôsso ter devéras  
Ironias sacrosantas...  
Pôssos os braços te abrir, Luz das Espheras,  
Que das trevas te levantas.

Pósso mesmo já rir de tudo, tudo  
Que me devóra e me opprime.  
Voltou-me o antigo sentimento mudo  
Do teu olhar que redime.

Já não te sinto morta na minh'alma  
Como em camara mortuaria,  
Naquella estranha e tenebrosa calma  
De solidão funeraria.

Já não te sinto mais embalsamada  
No meu carinho profundo,  
Nas mortalhas da Graça amortalhada,  
Como ave voando do mundo.

Não ! não te sinto mortalmente envolta  
Na névoa que tudo encerra...  
Doce espectro do pó, da poeira solta  
Deflorada pela terra.

Não sinto mais o teu sorrir macabro  
De desdenhosa caveira.  
Agora o coração e os olhos ábro  
Para à Natureza inteira !

Negros pavôres sepulchraes e frios  
Alem morreram com o vento...  
Ah ! como estou desafogado em rios  
De rejuvenescimento !

---

Deus existe no esplendôr d'algum Sonho,  
Lá n'alguma estrella esquiva.  
Só elle escuta o soluçar medonho  
E tórna a Dôr menos viva.

Ah! foi com Deus que tu chegaste, é certo,  
Com a sua graça expontanea  
Que emigraste das plagas do Deserto  
Nú, sem sombra e sol, da Insania !

No entanto como que volupias vagas  
Desses horrores amargos,  
Talvez recordação d'aquellas plagas  
Dão-te exquisitos lethargos...

Porém tu, afinal, resuscitaste  
E tudo em mim resuscita.  
E o meu Amor, que repurificaste,  
Canta na paz infinita !

---



## ENLÊVO

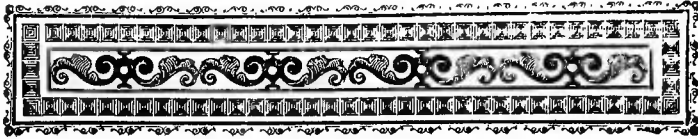
Da doçura da Noite, da doçura  
De um tenro coração que vem sorrindo,  
Seus segredos reconditos abrindo  
Pela primeira vez, á luz mais pura.

Da doçura celeste, da ternura  
De um Bem consoladôr que vae fugindo  
Pelos extremos do horisonte infindo,  
Deixando-nos somente a Desventura.

Da doçura innocente, immaculada  
De uma carícia virginal da Infancia,  
Nessa de rosas fresca madrugada.

Era assim tua candida fragancia,  
Archanjo ideal de auréola delicada,  
Visão consoladora da Distancia...

---



## PIEDOSA

( A Nestor Victor )

Não sei porque, magoadá Flôr sem gloria,  
A tua voz de tremula meiguice  
Despérta em mim a mocidade flórea  
De sentimentos que não tem velhice.

Guzlas de um céo remotamente mudo  
Gemem plangentes nessa voz que vôa  
E atravez d'ella, abençoando tudo,  
Um luar de perdões dasabotôa.

---

Vejo-te então sublimemente triste  
E excélsa e doce, n'um aneio lento,  
Vagando como um ser que não existe,  
Transfigurada pelo Soffrimento.

Mas, não sei como vejo-te por brumas,  
Alem da de ouro constellada Porta,  
Na ondulação das lividas espumas,  
Morta, já morta, muito morta, morta...

E sinto logo esse supremo e sabio  
Travo da dôr, se morta te antevejo,  
Essa macabra contracção de labio  
Que mórde e tantalisa o meu desejo.

Fico sempre a scismar, se tu morresses  
Que angustia fina me laceraria,  
Que musicas de céos saudosos, desses  
Céos infinitos sobre mim fluiria...

Que anjos brancos soberbos, deslumbrantes,  
Resplandescentes nos broquéis das vestes,  
Claros e altos voariam flammejantes  
Para buscar-te, dos Azues Celestes.

Sim ! Sim ! Pois então tanta e atroz fadiga,  
Tanta e tamanha dôr convulsa e cega  
Ha de ficar sem doce luz amiga,  
Da lagrima dos céos, que tudo réga ? !

As batalhas cruéis do sacrificio,  
As transfigurações dos teus calvarios,  
Essas virtudes, rolarão com o vicio  
Pelos mesmos abysmos tumultuarios ? !

Toda a obscura pureza dos teus feitos,  
A tua alma mais simples do que a agoa,  
Essa bondade, todos os eleitos  
Sentimentos que tens de flôr da Magoa ;

Nada se salvará jamais, mais nada  
Se salvará, no instante derradeiro ? !  
O' interrogação desesperada,  
Errante, errante pelo mundo inteiro!

Nada se salvará da essencia viva  
Que tudo purifica e refloresce;  
De tanta fé, de tanta luz altiva,  
De tanta abnegação, de tanta préce ? !

Nada se salvará, piedosa e pobre  
Flôr desdenhada pelo Mal ufano.  
Só o meu coração e verso nobre  
Hão de abrigar-te do desprezo humano.

Na transcendencia do teu ser, tão alta,  
Vejo dos céus como que os dons, a esmóla.  
O indefinido que de ti resalta  
Me prende, me arrebatata e me consóla.



---

E sinto que a tu'alma desprendida  
Do terrestre, do negro labyrintho  
Melhor ha de adorar-me na outra Vida,  
Melhor sentindo tudo quanto eu sinto.

Porque não é por sentimento vago,  
Nem por simples e vã litteratura,  
Nem por caprichos de um estylo mago  
Que sinto tanto a tua essencia pura.

Não é por transitoria veleidade  
E para que o mundo reconheça,  
Que sinto a tua candida Piedade,  
As auréolas de luz dessa cabeça.

Não é para que o mundo te proclame  
Maravilha das martyres, das santas  
Que eu digo sempre ao meu Amor que te ame  
Mesmo atravez de tantas ancias, tantas.

Nem é tambem para que o mundo creia  
Na humilde limpidez da tu'alma justa,  
Que o mundo, vil e vão desdenha e odeia  
Toda a humildade, toda a crença augusta.

Mas sinto porque te amo e te acompanho  
Pelas montanhas de onde sóes saudosos  
Clarões e sombras de um mysterio estranho  
Espalham, como adeuses carinhosos.

Sinto que te acompanho, que te sigo  
Tranquillo, calmo desses vãos rumores  
E que tu váes emballada commigo  
Na mesma rêde de carinho e dores.

Sinto os segredos do teu corpo amado,  
Toda a graça floral, a graça breve,  
Todo o composto languído, alquebrado  
Do teu perfil de aureo crescente leve.

Sinto-te as linhas immortaes do flanco,  
E as ondas vaporosas dos teus passos  
E todo o sonho castamente branco  
Da volupia celeste desses braços.

Sinto a muda expressão da tua bocca  
Feito n'um doce e doloroso córte  
De beijo dado na vehemencia louca  
Dos céos do goso entre o estertor da morte.

Sinto-te as nobres mãos affagadôras,  
Riquezas raras de um valor secreto  
E mãos cujas caricias redemptoras  
São as caricias do supremo Affecto.

Sinto os teus olhos fluidos, de onde emérge  
Uma graça, uma paz, tamanho encanto,  
Tão brando e triste, que a minh'alma aspérge  
Em suavísimos balsamos de pranto.

Uns olhos tão ethéreos, tão profundos,  
De tanta e tão subtil delicadeza  
Que parecem viver lá n'outros mundos,  
Longe da contingente Natureza.

Olhos que sempre no tremendo chóque  
Dos soffrimentos intimos, latentes,  
Tem esse tóque amigo, o velho tóque  
Original das lagrimas ardentes.

Ah ! só eu vejo e sinto esse desvélo  
Que transfigura e faz o teu martyrio,  
O sentimento amargurado e bello  
Que é já, talvez, quasi mortal delirio...

Sinto que a mesma chamma nos abraça,  
Que um perfume eternal, casto, exquisito,  
Circula e vive com divina graça  
Dentro do nosso tremulo Infinito.

E tudo quanto me sensibilisa,  
Fere, magôa, dilacéra, punge,  
Tudo no teu olhar se crystalisa,  
No teu olhar, no teu olhar que me unge.

Sinto por ti o mais febril e intenso  
Carinho quasi louco, doentio...  
Carinho singular, curioso, immenso,  
Que deixa na alma um resplendor sombrio.

E é de tal fórma esse carinho raro,  
De tal encanto e tão sagrada essencia,  
De tal Piedade e tal Perdão preclaro,  
Que canta na estrellada Refulgencia.

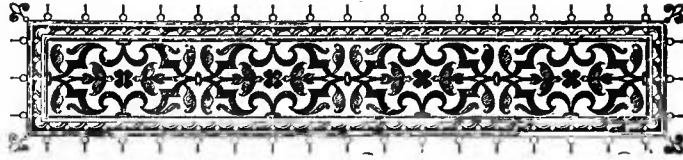
Ah ! nunca saberás quanto exotismo  
De sentimento me alanceia e pulsa,  
Vibra violinos de somnambulismo  
Nest'alma ora serena, ora convulsa !

Tens luz de lua e tens gorgeios de ave  
No mundo virginal dos meus sentidos,  
E és sonho, sombra de Angelus suave  
Nos nossos mutuos e communs gemidos.

E sonho, sombra de Angelus, tão brandos,  
Immortalmente tão indefiniveis  
Que todos os terrôres execrandos  
Cóbrem-se para nós de iris sensiveis.

E' assim que eu te sinto, êrma, sosinha,  
Fragil, piedosa, nos singellos brilhos  
Erguendo aos braços, nobremente minha,  
Os dolentes trophéos dos nossos filhos.

Erguendo-os como calices amargos  
De um vinho ideal de já mortas chiméras,  
Para alem destes céus mudos e largos  
Na ampla misericordia das Esphéras !



## AUSENCIA MYSTERIOSA

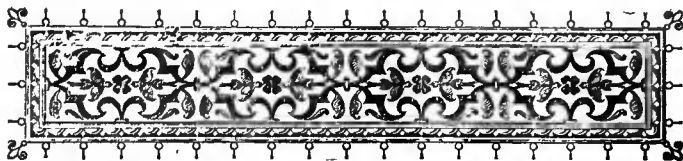
Uma hora só que o teu perfil se afasta,  
Um instante sequer, um só minuto  
Desta casa que amo — vago luto  
Envólve logo esta morada casta.

Tua presença delicada basta  
Para tudo tornar claro e impolluto...  
Na tua ausencia, da Saudade escuto  
O pranto que me prende e que me arrasta...

Secretas e subtis melancolias  
Recuadas na Noite dos meus dias  
Vem para mim, lentas, se approximando.

E em toda casa, nos objectos, erra  
Um sentimento que não é da Terra  
E que eu mudo e sósinho vou sonhando...

---



## MEU FILHO

Ah! quanto sentimento ! ah ! quanto sentimento!  
Sob a guarda piedosa e muda das Esphéras  
Dorme, calmo, embalado pela voz do vento,  
Frágil e pequenino e tenro como as héras.

Ao mesmo tempo suave e ao mesmo tempo estranho  
O aspecto do meu filho assim meigo dormindo...  
Vem d'elle tal frescura e tal sonho tamanho  
Que eu nem mesmo já sei tudo que vou sentindo.

Minh'alma fica presa e se debate anciosa,  
Em vão soluça e clama, eternamente presa  
No segredo fatal dessa flôr caprichosa,  
Do meu filho, a dormir, na paz da Natureza.

Minh'alma se debate e vae gemendo afflicta  
No fundo turbilhão de grandes ancias mudas :  
Que esse tão pobre ser, de ternura infinita,  
Mais tarde irá tragar os venenos de Judas !

Dar-lhe eu beijos, apenas, dar-lhe, apenas, beijos,  
Carinhos dar-lhe sempre, ephemeros, aéreos,  
O que vale tudo isso para outros desejos,  
O que vale tudo isso para outros mysterios ? !

De sua doce mãe que em prantos o abençôa  
Com o mais profundo amor, archangelicamente,  
De sua doce mãe, tão limpida, tão bôa,  
O que vale esse amor, todo esse amor vehemente ? !

O longo sacrificio extremo que ella faça,  
As vigalias sem nome, as orações sem termo,  
Quando as garras cruéis e horriveis da Desgraça  
De sadío que elle é, fazem-no fraco e enfermo ? !

Tudo isso, ah ! tudo isso, ah ! quanto vale tudo isso  
Se outras preocupações mais fundas me lacéram,  
Se a graça de seu riso e a graça do seu viço  
São as flores mortaes que meu tormento géram ? !



Porque tantas prisões, porque tantas cadeias  
Quando a alma quér voar nos páramos liberta ?  
Ah ! Ceus ! Quem me revéla essas Origens cheias  
De tanto desespero e tanta luz incérta !

Quem me revéla, pois, todo o thesouro immenso  
Desse immenso Aspirar tão entranhado, extremo !  
Quem descóbri, afinal, as causas do que eu penso,  
As causas do que eu soffro, as causas do que eu gemo !

Pois então hei de ter um affecto profundo,  
Um grande sentimento, um sentimento insano  
E hei de vel-o rolar, nos turbilhões do mundo,  
Para a valla commum do eterno Desengano ? !

Pois esse filho meu que ali no berço dórme,  
Elle mesmo tão casto e tão sereno e doce  
Vem para ser na Vida o vão phantasma enorme  
Das Dilacerações que eu na minh'alma trouxe ? !

Ah ! Vida ! Vida ! Vida ! Incendiada tragédia,  
Transfigurado Horror, Sonho transfigurado,  
Macabras contorsões de lugubre comédia  
Que um cérebro de louco houvesse imaginado !

Meu filho que eu adóro e cubro de carinhos,  
Que do mundo vilão térnamente defendo  
Ha de mais tarde errar por tremedaes e espinhos  
Sem que o póssa acudir no supplicio tremendo.

Que eu vagarei por fim nos mundos invisíveis,  
Nas diluentes visões dos largos Infinitos,  
Sem nunca mais ouvir os clamores horríveis,  
A magoa dos seus ais e os échos dos seus gritos.

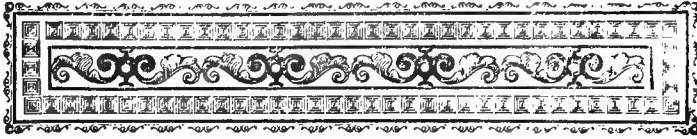
Vendo-o no berço assim, sinto muita agonia,  
Um mixto de anciedade, um mixto de tortura.  
Subo e paio dos céus na estrellada harmonia  
E desço e entro do Inferno a furna hórrida, escura.

E sinto sêde intensa e intensa fébre, tanto,  
Tanto Azul, tanto abysmo atroz que me deslumbra.  
Velha saudade ideal, monja de amargo Encanto,  
Désce por sobre mim sua estranha penumbra.

Tu não sabes, jamais, tu nada sabes, filho,  
Do tormentoso Horror tu nada sabes, nada...  
O teu caminho é claro, é matinal de brilho,  
Não conhéces a sombra e os gólpes da emboscada.

Nesse ambiente de amor onde dórmes teu somno  
Não sentes nem siquer o mais ligeiro espectro...  
Mas, ah ! eu vejo bem, sinistra, sobre o throno,  
A Dôr, a eterna Dôr, agitando o seu sceptro !

---



## VISÃO GUIADÔRA

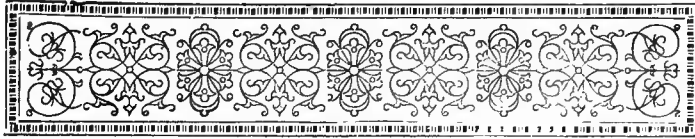
O'alma silenciosa e compassiva  
Que convérsas com os Anjos da Tristeza,  
O'delicada e languida beleza  
Nas cadeias das lagrimas captiva.

Frágil, nervosa timidez lasciva,  
Graça magoada, doce subtileza  
De sombra e luz e da delicadeza  
Dolorosa de musica afflictiva.

Alma de acérbo, amargurado exilio,  
Perdida pelos céos n'um vago idyllio  
Com as almas e visões dos desolados.

O' tu que és bôa e porque és bôa és bella,  
Da Fé e da Esperança eterna estrella  
Todo o caminho dos desamparados.

---



## LITANIA DOS POBRES

Os miseráveis, os rotos  
São as flôres dos esgôtos.

São espectros implacáveis  
Os rotos, os miseráveis.

São prantos negros de furnas  
Caladas, mudas, soturnas.

São os grandes visionarios  
Dos abyssos tumultuarios.

As sombras das sombras mortas,  
Cégos, a tactear nas portas.

Procurando o céu, affictos  
E varando o céu de gritos.

Pharóes á noite apagados  
Por ventos desesperados.

Inuteis, cançados braços  
Pedindo amor aos Espaços.

Mãos inquiétas, estendidas  
Ao vão deserto das vidas.

Figuras que o Santo Officio  
Condemna a feróz supplicio.

Arcas sôltas ao nevoento  
Diluvio do Esquecimento.

Perdidas na correnteza  
Das culpas da Natureza.

O' pobres ! Soluços feitos  
Dos peccados imperfeitos !

Arrancadas amarguras  
Do fundo das sepulturas.

Imagens dos deletérios,  
Imponderáveis mysterios.

Bandeiras rôtas, sem nome,  
Das barricadas da fome.

Bandeiras estraçalhadas  
Das sangrentas barricadas.

Phantasmas vãos, sybillinos  
Da cavérna dos Destinos !

O' pobres ! o vosso bando  
É tremendo, é formidando !

Elle já marcha crescendo,  
O vosso bando tremendo...

Elle marcha por collinas,  
Por montes e por campinas.

Nos areiaes e nas sérras  
Em hóstes como as de guerras.

Cerradas legiões estranhas  
A subir, descer montanhas.

Como avalanches terríveis  
Enchendo plagas incríveis.

Atravéssa já os mares,  
Com aspectos singulares,

Pérde-se além nas distancias  
A caravana das ancias.

Pérde-se além na poeira,  
Das Esphéras na cegueira.

Váe enchendo o estranho mundo  
Com o seu soluçar profundo.

Como torres formidandas  
De torturas miserandas.

E de tal fórma no immenso  
Mundo elle se torna denso.

E de tal fórma se arrasta  
Por toda a região mais vasta.

E de tal fórma um encanto  
Secréto vos véste tanto.

E de tal forma já crésce  
O bando, que em vós parece.

O' Pobres de occultas chagas  
Lá das mais longinquas plagas !

Paréce que em vós ha sonho  
E o vosso bando é risonho.

Que atravez das rôtas véstes  
Trazeis delicias celéstes.



---

Que as vossas boccas, de um vinho  
Prelibam todó o carinho...

Que os vossos olhos sombrios  
Trazem raros amavios.

Que as vossas almas trevosas  
Vem cheias de odôr das rosas

De torpôres, d'indolencias  
E graças e quintessencias.

Que já livres de martyrios  
Vem festonadas de lyrios.

Vem nimbadas de magia,  
De mórna melancolia:

Que essas flagelladas almas  
Reverdêcem como palmas.

Balanceadas no lethargo  
Dos sôpros que vem do largo...

Radiantes d'illusionismos,  
Segredos, orientalismos.

Que como em aguas de lagos  
Bóiam n'ellas scysnes vagos...

Que essas cabeças errantes  
Trazem louros verdejantes,

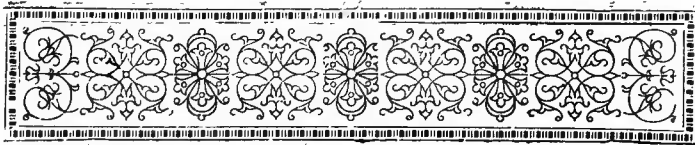
E a languidez fugitiva  
De alguma esperança viva.

Que trazeis magos aspeitos  
E o vosso bando é de eleitos.

Que véstis a pompa ardente  
Do velho Sonho dolente.

Que por entre os estertôres  
Sois uns bellos sonhadôres.

---



8

## SPLEEN DE DEUSES

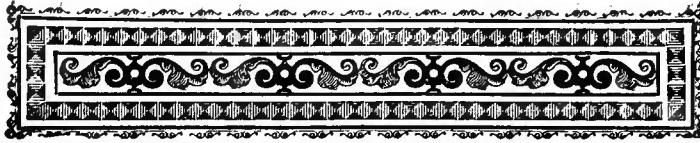
Oh ! Dá-me, dá-me o teu sinistro Inferno  
Dos desesperos téticos, violentos,  
Onde rugem e bramem como os ventos  
Anathemas da Dôr, no fogo eterno...

Dá-me o teu fasciante, o teu phalérno  
Dos phalérnos das lagrimas, sangrentos  
Vinhos profundos, venenosos, lentos  
Matando o goso nesse horrôr do Averno.

Assim o Deus dos Páramos clamava  
Ao Demonio soturno e o rebellado,  
Capricornio Satan, ao Deus bradava :

Se és Deus e já de mim tens triumphado,  
Para lavar o Mal do Inferno e a bava  
Dá-me o tédio senil do céu fechado...

---



## DIVINA

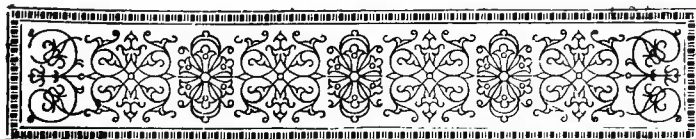
Eu não busco saber o inevitável  
Das espiraes da tua vã materia.  
Não quero cogitar da paz funérea  
Que envólve todo o ser inconsolável.

Bem sei que no teu circulo maleável  
De vida transitoria e mágoa séria  
Ha manchas dessa organica miseria  
Do mundo contingente, imponderável.

Mas o que eu amo no teu ser obscuro  
É o evangélico mysterio puro  
Do sacrificio que te tórna heroína.

São certos raios da tu'alma anciosa  
É certa luz misericordiosa,  
É certa aureola que te faz divina !

---



# CABELLOS

## I

Cabellos ! Quantas sensações ao vê-los !  
Cabellos negros, do esplendor sombrio,  
Por onde corre o fluido vago e frio  
Dos brumosos e longos pesadelos...

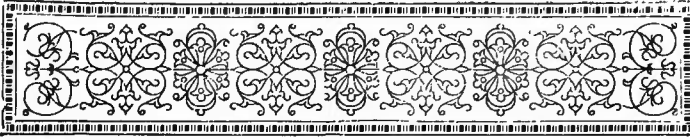
Sonhos, mysterios, anciedades, zelos,  
Tudo que lembra as convulsões de um rio  
Passa na noite calida, no estio  
Da noite tropical dos teus cabelos.

Passa atravez dos teus cabellos quentes,  
Pela chamma dos beijos inclementes,  
Das dolencias fataes, da nostalgia...

Aureola negra, magestosa, ondeada,  
Alma da treva, densa e perfumada,  
Languida Noite da melancholia!

---





## OLHOS

### II

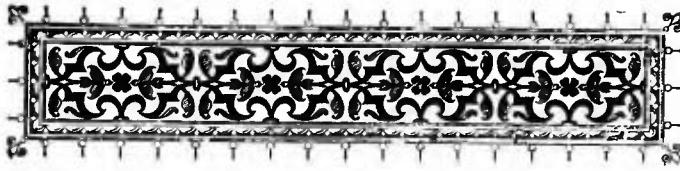
A Grecia d'Arte, a estranha claridade  
D'aquella Grecia de belleza e graça,  
Passa, cantando, vae cantando e passa  
Dos teus olhos na eterna castidade.

Toda a serena e altiva heroicidade  
Que foi dos gregos a immortal couraça,  
Aquelle encanto e resplendor de raça  
Constellada de antiga magestade,

Da Athenas florea todo o viço louro  
E as rosas e os myrtaes e as pompas d'ouro,  
Odysseás e deuses e galeras...

Na somnolencia de uma lua aziaga,  
Tudo em saudade nos teus olhos vaga,  
Canta melancolias de outras éras !...

---



## BOCCA

### III

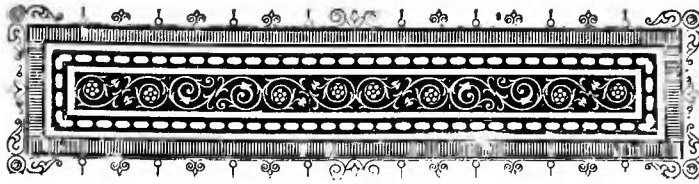
Bocca viçosa, de perfume a lyrio,  
Da limpida frescura da nevada,  
Bocca de pompa grega, purpureada,  
Da magestade de um damasço assyrio.

Bocca para deleites e delirio  
Da volupia carnal e allucinada,  
Bocca de Archanjo, tentadora e arqueada,  
Tentando Archanjos na amplidão do Æmpyreo,

Bocca de Ophelia morta sobre o lago,  
D'entre a aureola de luz do sonho vago  
E os faunos leves do luar inquietos...

Estranha bocca virginal, cheirosa,  
Bocca de myrrha e incensos, milagrosa  
Nos philtros e nos toxicos secretos...

---



## SEIOS

### IV

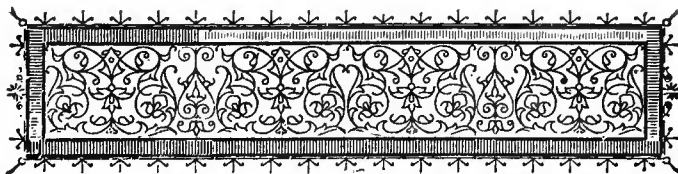
Magnolias tropicaes, fructos cheirosos  
Das arvores do Mal fascinadoras,  
Das negras mancenilhas tentadoras,  
Dos vagos narcotismos venenosos.

Oasis brancos e miraculosos  
Das frementes volupias peccadoras  
Nas paragens fataes, aterradoras  
Do Tédio, nos desertos tenebrosos...

Seios de aroma embriagador e langue,  
Da aurora de ouro do esplendor do sangue,  
A alma de sensações tantalisando.

O' seios virginaes, thalamos vivos,  
Onde do amor nos extases lascivos  
Velhos faunos febris dormem sonhando...

---



## MÃOS

V

O' Mãos eburneas, Mãos de claros veios,  
Exquisitas tulipas delicadas,  
Languidas Mãos subtis e abandonadas,  
Finas e brancas, no esplendor dos seios.

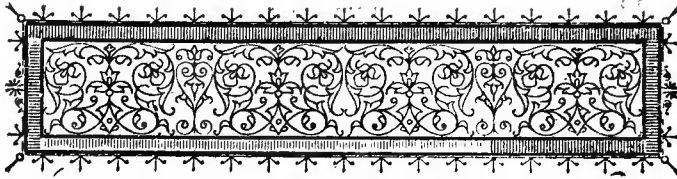
Mãos ethericas, diaphanas, de enleios,  
De effluvios e de graças perfumadas,  
Reliquias immortaes de éras sagradas  
De antigos templos de reliquias cheios.

Mãos onde vagam todos os segredos,  
Onde dos ciumes tenebrosos, tredos  
Circula o sangue apaixonado e forte.

Mãos que eu amei, no féretro medonho  
Frias, já murchas, na fluidez do Sonho,  
Nos mysterios symbolicos da Morte !

---





## PÉS

### VI

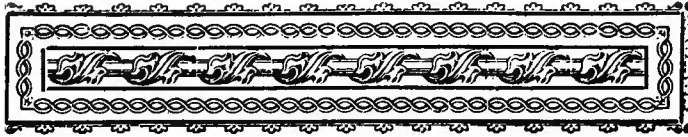
Lívidos, frios, de sinistro aspecto,  
Como os pés de Jesus, rôtos em chaga,  
Inteiriçados, d'entre a auréola vaga  
Do mysterio sagrado de um affecto.

Pés que o fluido magnetico, secreto  
Da Morte maculou de estranha e maga  
Sensação exquisita que propaga  
Um frio n'alma, doloroso e inquieto...

Pés que boccas febris e apaixonadas  
Purificaram, quentes, inflammadas,  
Com o beijo dos adeuses soluçantes.

Pés que já no caixão, enrigecidos,  
Aterroradamente indefinidos  
Géram fascinações dilacerantes !

---



## CORPO

### VII

Pompas é pompas, pompas soberanas,  
Magestade serena da esculptura,  
A chamma da suprema formosura,  
A opulencia das purpuras romanas.

As fórmias immortaes, claras e ufanas,  
Da graça grega, da belleza pura,  
Resplendem na archangelica brancura  
Desse teu corpo de emoções profanas.

Cantam as infinitas nostalgias,  
Os mysterios do Amor, melancolias,  
Todó o perfume de eras apagadas...

E as aguias da paixão, brancas, radiantes,  
Voam, revoam, de azas palpitantes,  
No esplendor do teu corpo arrebatadas!

---



## CANÇÃO NEGRA

(A Nestor Victor)

O' bocca em tromba retorcida  
Cuspindo injurias para o Céu,  
Aberta e pútrida ferida  
Em tudo pondo igual labéo.

O' bocca em chammas, bocca em chamittas,  
Da mais sinistra e negra voz,  
Que clamas, clamas, clamas, clamas  
N'um cataclismo estranho, atroz.

O' bocca em chagas, bocca em chagas,  
Somente anathemas a rir,  
De tantas pragas, tantas pragas  
Em catadúpas a rugir.

O' bocca de uivos e pedradas,  
Visão hystérica do Mal,  
Cortando como mil facadas  
D'um golpe só, transcendental.

Sublime bocca sem peccado,  
Cuspindo embora a lama e o púz,  
Tudo a deixar transfigurado,  
O lôdo a transformar em luz.

Bocca de ventos inclementes  
De universaes revoluções,  
Alevantando as hóstes quentes,  
Os sanguinarios batalhões.

Abençoada a canção velha  
Que os labios teus cantam assim  
Na tua face que se engélha,  
Da côr de livido marfim.

Parece a furna do Castigo  
Jorrando pragas na canção,  
A tua bocca de mendigo  
Tão tôsco como o teu bordão.

Bocca fatal de tôrvos thrênos !  
Da omnipotencia do bom Deus,  
Louvados sejam taes venenos,  
Purificantes como os teus !

Tudo precisa um ferro em braza  
Para este mundo transformar...  
Nos teus Anathemas põe aza  
E vae no mundo praguejar !

O' bocca ideal de rudes trovas,  
Do mais sangrento resplendor,  
Vae reflorir todas as cóvas,  
O facho a erguer da luz do Amor.

Nas vãs miserias deste mundo  
Dos exorcismos cóspe o fél...  
Que as tuas pragas rasguem fundo  
O coração desta Babel.

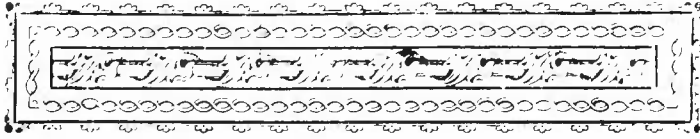
Mendigo extranho ! Em toda a parte  
Vae com teus gritos, com teus ais,  
Como o symbolico estandarte  
Das trêdas convulsões mortaes !

Resume todos esses travos  
Que a terra fazem languescer.  
Das mãos e pés arranca os cravos  
Das cruzes mil de cada Ser.

Á terra é mãe ! — mas ébria e louca  
Tem gérmens bons e gérmens vis...  
Bem dita seja a negra bocca  
Que tão malditas cousas diz !

---





## A ÍRONIA DOS VERMES

Eu imagino que és uma princeza  
Morta na flôr da castidade branca...  
Que teu cortejo sepulchral arranca  
Por tanta pompa espasmos de surpresa.

Que tu váes por um cóche conduzida,  
Por esquadrões flammivômos guardada,  
Como carnal e virgem madrugada,  
Bella das bellas, sem mais sol, sem vida.

Que da Côrte os luzidos Dignitarios  
Com seus aspectos marciaes, bizarros,  
Séguem-te apóz nos fagulhantes carros  
E a excélsa cauda dos cortejos varios.

Que a trópa toda fórma nos caminhos  
Por onde irás passar indifferente ;  
Que ha no semblante vão de toda a gente  
Curiosidades que parécem vinhos.

Que os potentes canhões roucos atrôam  
O espaço claro de uma tarde suave,  
E que tu váes, Lyrio dos lyrios e ave  
Do Amor, por entre os sons que te corôam.

Que nas flôres, nas sêdas, nos velludos,  
E nos crystáes do feretro radiante,  
Nos damascos do Oriente, na faiscante  
Onda de tudo ha longos prantos mudos.

Que do silencio azul da immensidade,  
Do perdão infinito dos Espaços  
Tudo te dá os beijos e os abraços  
Do seu adeus á tua Magestade.

Que de todas as cousas como Verbo  
De saudades sem termo e de amargura,  
Sáe um adeus á tua formosura,  
N'um desolado sentimento acérbo.

Que o teu corpo de luz, teu corpo amado,  
Envolto em finas e cheirosas véstes,  
Sob o carinho das Mansões celestes  
Ficará pela Morte encarcerado.

Que o teu séquito é tal, tai a cohorte,  
Tal o sol dos brazões, por toda a parte,  
Que em vez da horrenda Morte supplantar-te  
Crêr-se que és tu que supplantaste a Morte.

Mas dos faustos mortaes a régia trompa,  
Os grandes ouropéis, a real Kermesse,  
Ah! tudo, tudo proclamar parece  
Que has de afinal apodrecer com pompa.

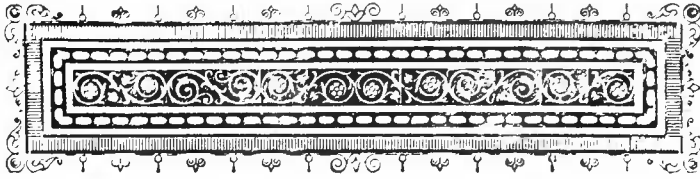
Como que fôram feitos de luxuria  
E goso ideal teus funeraes luxuosos  
Para que os vermes, pouco escrupulosos,  
Não te devórem com plebéa furia.

Para que elles ao menos vendo as bellas  
Magnificencias do teu corpo exhausto  
Mordam-te com cuidados e cautélas  
Para o teu corpo apodrecer com fausto.

Para que póssa apodrecer nas frias  
Geleiras sepulchraes d'esquecimentos,  
Nos mais augustos apodrecimentos,  
Entre constellações e pedrarias.

Mas ah ! quanta ironia atroz, funérea,  
Imaginaria e candida Princeza :  
E's igual a uma simples camponeza  
Nos apodrecimentos da Materia !

---



## IGNEZ

Tem teu nome a estranha graça  
De uma galga verde, estranha.  
Certo langor te adelgaça,  
Certo encanto te acompanha.

És velada, quebradiça  
Como teu nome é velado.  
Certa flôr curiosa viça  
No teu corpo edenisado.

Chamam-te a Ignez dos quebrantos,  
A galga verde, a felina,  
Amaranto de amarantos  
Das franzinás a franziãa.

Teus olhos, langues aquários  
Adormentados de scysma,  
Vivem mudos, solitarios  
Como uma treva que abysma.

Tua bocca, vivo cravo  
Sanguineo, purpuro, ardente,  
De certa fórma tem travo  
Embora veladamente.

És lyrio de velho outono,  
Meiga Ignez, e de tal sorte  
Que já vives no abandono,  
Meio ennevôada da morte.

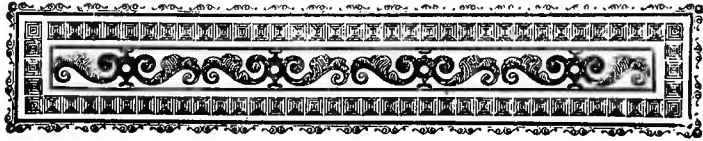
Teu beijo, do rosmaninho  
Tem o sainete amargoso...  
Lembra a saudade de um vinho  
Secreto, mas venenoso.

Por um mysterio indizível  
Não te é dado amar na terra.  
Vem de longe o Indefinível  
Que os teus silencios encérria !

---

Deus fechou-te a sete chaves  
O coração lá no fundo...  
Mas deu-te as azas das aves  
Para irradiares no mundo.

---



## HUMILDADE SECRÉTA

Fico parado, em extase suspenso  
Às vezes, quando vou considerando  
Na humildade sympathica, no brando  
Mysterio simples do teu ser immenso.

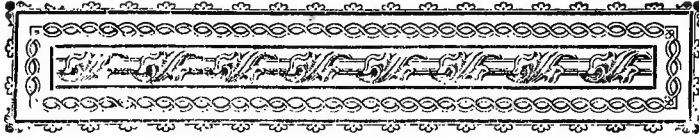
Tudo o que aspiro, tudo quanto penso  
D'estrellas que andam dentro em mim cantando,  
Ah! tudo ao teu phenomeno vae dando  
Um céu de azul mais carregado e denso.



e onde não sei tanta simplicidade,  
anta secréta e limpida humildade  
em ao teu ser como os encantos raros.

os teus olhos tu'alma transparéce...  
de tal sorte que o bom Deus parece  
iver sonhando nos teus olhos claros.

---



## FLOR PERIGOSA

Ah ! quem, tremulo e pallido, medita  
No teu perfil de áspide triste, triste  
Não sabe em quanto abysmo essa infinita  
Tristeza amarga singular consiste.

Tens todo o encanto de uma flor, o encanto  
Secreto de uma flor de vago aroma...  
Mas não sei que de morno e de quebranto  
Vem, lasso e langue, dessa negra coma.

És das origens mais desconhecidas,  
De uma longiqua e nebulosa infancia.  
A visão das visões indefinitas,  
De atra, sinistra morbida elegancia.

Como flor, entretanto, és bem amarga!  
Pollens celestes o teu ser inundam,  
Mas ninguém sabe a onda nervosa e larga  
Dos insectos mortaes que te circundam.

Quem teu aroma de mulher aspira  
Fica entre ancias de tumulto fechado...  
Sente vertigens de vulcão, delira  
E morre, subtilmente envenenado.

Teu olhar de fulgencias e de treva,  
Onde as volupias a peccar se ajustam,  
Guarda um mysterio que envilece e eleva,  
Causa deliquios e emoções que assustam.

És flor, mas como flor és perigosa,  
Do mais sombrio e tétrico perigo...  
Phenomenos fataes de luz anciosa  
Vão pelas noites segredar contigo.

Vão segredar que és feia e que és estranha  
Sendo feia, mas sendo extravagante,  
De enorme, de esquisita, de tamanha  
Influencia de eclipse radiante...

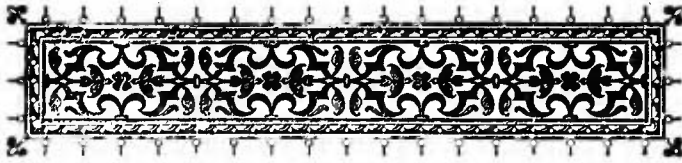
Sei ! não nasceste sob a luz que ondeia  
Na belleza e nos astros da saude ;  
Mas sendo assim, mórbidamente feia,  
O teu ser feia torna-se virtude.

És feia e doente, surges desse mixto,  
Da exotica, da insana, da funesta  
Aureola ideal dos martyrios de Christo  
Naquelle Dor absurdamente mésta.

Vens de lá, vens de lá — fundos remótos  
Adelgaçando como os véos de um rio...  
Abrindo do magoado e velho lotus  
Do sentimentó, todo o sol doentio...

Mas quem quizer saber o quanto encerra  
Teu ser, de mais profundo e mais nevoento,  
Venha aspirar-te no teu vaso — a Terra —  
O' perigosa flor do esquecimento!

---



## METEMPSYCHOSE

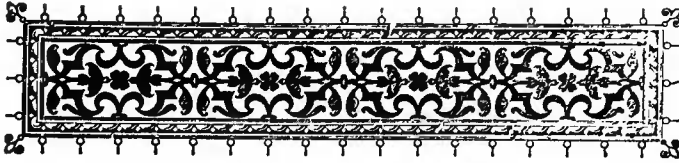
Agora, já que apodrecêo a argilla  
Do teu corpo divino e sacrosanto;  
Que embalsámaram de magoado pranto  
A tua carne, na mudez tranquilla,

Agora, que nos Céus, talvez, se asyla  
Aquella graça e luminoso encanto  
De virginal e pallido amaranto  
Entre a Harmonia que nos Céus desfilla.

Que da morte o estupôr macabro e feio  
Congelou as magnolias do teu seio,  
Por entre catalépticas visões...

Surge, Bella das Bellas, na Belleza  
Dos transcendentalismo da Pureza,  
Nas brancas, immortaes Resurreições !

---



## OS MONGES

Montanhas e montanhas e montanhas  
Eil-os que vão galgando.  
As sombras vãs das figuras estranhas  
Na Terra projectando.

Habitam nas mansões do Imponderavel  
Esses graves ascétas;  
Occultando, talvez, no Inconsolavel  
Amarguras inquietas.

Como os reis Magos, trazem lá do Oriente  
As alfaias preciosas,  
Mas alfaias, surprehendentemente,  
As mais miraculosas.

Nem incensos, nem myrrhas e nem ouros,  
Nem myrrhas nem incensos,  
Outros mais raros, magicos thesouros  
Sobre todos, immensos.

Pelos longiquos, sáfaros caminhos  
Que vivem percorrendo,  
A Dôr, como átros, venenosos vinhos,  
Os vae deliquescendo.

São os monges sombrios, solitarios,  
Como esses vagos rios  
Que passam nas florestas tumultuarios,  
Solitarios, sombrios.

São monges das florestas encantadas,  
Dos ignótos tumultos,  
Almas na Terra desassocegadas,  
Desconsolados vultos.

São os monges da Graça e do Mysterio,  
Pharóes da Eternidade  
Illuminando todo o Azul sidéreo  
Da sagrada Saudade.



— Onde e quando acharão o seu descanso  
Elles que ha tanto vagam ?  
Em que dia terão esse remanso  
Os seus pés que se chagam ?

Quando caminham nas Regiões nevoentas,  
Da lua nos quebrantos,  
As suas sombras vagarosas, lentas  
Ganham certos encantos...

Ficam nimbados pela luz da lua  
Os seus perfis tristonhos...  
Sob a dolencia peregrina e crúa  
Dos tantalicos sonhos.

As Illusões são seus mantos sanguineos  
De symbolos de dores,  
De signos, de solemnes vaticinios,  
De nirvanicas flores.

Bemditos monges immortaes, bemditos  
Que ethéreas harpas tangem !  
Que rasgam d'alto a baixo os Infinitos,  
Infinitos abrangem.

Deixai-os ir com os seus trophéos bizzarros  
De humano Sentimento,  
Arrebatados pelos igneos carros  
Do augusto Pensamento.

Que os leve a graça das errantes almas,  
—Grandes azas de tudo—  
Entre as Hosanas, o verdor das palmas,  
Entre o Mysterio mudo !

Não importa saber que rumo trazem  
Nem se é longo esse rumo...  
Elles no Indefinido se comprazem,  
São delle a chamma e o fumo.

Deixai-os ir pela Amplidão a fóra,  
Nos Silencios da esphéra,  
Nos esplendores da eternal Aurora  
C'roados de Chiméra !

Deixai-os ir pela Amplidão, deixai-os,  
No segredo profundo,  
Por entre fluidos de celestes raios  
Transfigurando o mundo.

Que só os astros que do Azul scintillam  
Pela sidérea rêde  
Saibam que os monges, lividos, desfilam  
Devorados de sêde...

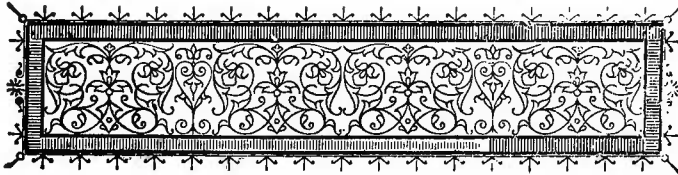
Que ninguem mais póssa saber as ancias  
Nem sentir a Dolencia  
Que vindo das incógnitas Distancias  
E'dos monges a essencia !

Monges, ó monges da divina Graça,  
Lá da graça divina,  
Deu-vos o Amor toda a immortal couraça  
Dessa Fé que allucina.

No meio de anjos que vos abençoam  
Corações estremecem...  
E tudo eternamente vos perdôam  
Os que não vos esquecem.

Toda a misericórdia dos espaços  
Vos oscule, surpreza...  
E abri, serenos, largamente, os braços  
A toda a Natureza !

---



## TRISTEZA DO INFINITO

Anda em mim, soturnamente,  
Uma tristeza ociosa,  
Sem objectivo, latente,  
Vaga, indecisa, medrosa.

Como ave tôrva e sem rumo,  
Ondúla, vagueia, oscilla  
E sobe em nuvens de fumo  
E na minh'alma se asyla.

---

Uma tristeza que eu, mudo,  
Fico n'ella meditando  
E meditando, por tudo  
E em toda a parte sonhando.

Tristeza de não sei d'onde,  
De não sei quando nem como...  
Flôr mortal, que dentro esconde  
Sementes de um mago pômo.

Dessas tristezas incertas,  
Esparsas, indefinidas...  
Como almas vagas, desertas  
No rumo eterno das vidas.

Tristeza sem causa forte,  
Diversa de outras tristezas,  
Nem da vida nem da morte  
Gerada nas correntezas...

Tristeza de outros espaços,  
De outros céus, de outras esphéras,  
De outros límpidos abraços,  
De outras castas primavéras.

D'essas tristezas que vagam  
Com volúpias tão sombrias  
Que as nossas almas alagam  
De estranhas melancolias.

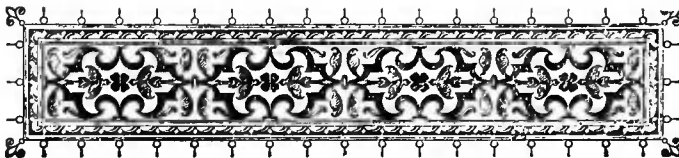
D'essas tristezas sem fundo,  
Sem origens prolongadas,  
Sem saudades deste mundo,  
Sem noites, sem alvoradas.

Que principiam no sonho  
E acabam na Realidade,  
Atravez do mar tristonho  
Desta absurda Immensidade.

Cérta tristeza indizível,  
Abstracta, como si fosse  
A grande alma do Sensível  
Magoada, mystica, doce:

Ah! tristeza imponderavel,  
Abysmo, mystério afflicto,  
Torturante, formidavel...  
Ah! tristeza do Infinito!

---



## LUAR DE LAGRIMAS

### I

Nos estrellados, límpidos caminhos  
Dos Céus, que um luar criva de prata e de ouro,  
Abrem-se roseos e cheirosos ninhos,  
E ha muitas méeses do bom trigo louro.

Os astros cantam meigas cavatinas,  
E na frescura as almas claras gósam  
Alvoradas eternas, crystallinas,  
E os Dons supremos, divinaes espósam.

Lá, a florescencia dos Desejos  
Tem sempre um novo e original perfume,  
Tudo rejuvenésce d'entre harpejos  
E d'entre palmas verdes se resume.

As proprias mocidades e as infancias  
Das cousas têm um esplendor infindo  
E as immortalidades e as distancias.  
Estão sempre florindo e reflorando.

Tudo ahi se consóla e transfigura  
N'um Relicario de viver perfeito,  
E em cada uma alma peregrina e pura  
Alvóra o sentimento mais eleito.

Tudo ahi vive e sonha o immaculado  
Sonho exquisito e azul das quintessencias,  
Tudo é subtil e candido, estrellado,  
Embalsamado de eternaes essencias.

Lá as Horas são aguias, vôam, vôam  
Com grandes azas resplandecedôras...  
E harpas augustas finamente sôam  
As Alleluias glorificadôras.

Forasteiros de todos os matizes  
Sentem alli felicidades castas  
E os que essas libações gosam felizes  
Deixam da terra as vastidões nefastas.



Anjos excélsos e contemplativos,  
Soberbos e solemnes, soberanos,  
Com aspectos grandiloquos, altivos,  
Sonham sorrindo, angelicaes e ufanos.

Lá não existe a convulsão da Vida  
Nem os tremendos, tragicos abrólhos.  
Ha por tudo a doçura indefinida  
Dos azues melancólicos de uns olhos.

Véos brancos de Visões resplandescentes  
Miraculosamente se adelgaçam...  
E recordando essas Visões diluentes  
Dolencias beethovínicas perpassam.

Ha magos e archangélicos poderes  
Para que as existencias se transformem...  
E os mais egregios e completos seres  
Somnos sagrados, impollutos dormem...

É lá que vagam, que plangentes érram,  
Lá que devem vagar, de certo, flóreas,  
Puras, as Almas que eu perdi, que encérram  
O meu Amor nas Urnas illusórias.

Hosannas de perdão e de bondade,  
De celestial misericórdia santa  
Abençôam toda essa claridade  
Que na harmonia das Espheras canta.

Préces ardentes como ardentes sarças  
Sóbem no meio das divinas méssees.  
Lembra o vôo das pombas e das garças  
A leve ondulação de tantas préces.

E quem penetra nesse ideal Dominio,  
Por entre os raios das estrellas bellas,  
Todo o celeste e singular escriptorio,  
Todo o escriptorio das lagrimas vê n'ellas.

E absôrto, penetrando os Céus tão calmos,  
Céus de constellações que maravilham  
Não sabe, acaso, se com os brilhos almos,  
São estrellas ou lagrimas que brilham.

Mas ah! das Almas esse azul lethargo,  
Esse eterno, immortal Isolamento,  
Tudo se envólve n'um luar amargo  
De Saudade, de Dor, de Esquecimento!

Tudo se envólve nas neblinas densas  
De outras recordações, de outras lembranças,  
No doce luar das lagrimas immensas  
Das mais inconsolaveis esperanças.

## II

O' mortos meus, ó desabados mortos!  
Chego de viajar todos os portos.

---

Volto de ver inhóspitas paragens,  
As mais profundas regiões selvagens.

Andei errando por funestas tendas  
Onde das almas escutei as lendas.

E tornei a voltar por uma estrada  
Erma, na solidão, abandonada.

Caminhos máus, atalhos infinitos  
Por onde só ouvi ancias e gritos.

Por toda a parte a rir o incêndio e a peste  
Debaixo da Ilusão do Azul celeste.

Era também luar, luar lutuoso  
Pelas estradas onde errei saudoso...

Era também luar, o luar das penas,  
Brando luar das Ilusões terrenas.

Era um luar de triste morbidez  
Amortalhando toda a natureza.

E eu em vão busquei, Mortos queridos,  
Por entre os meus tristíssimos gemidos.

Em vão pedi os philtros dos segredos  
Da vossa morte, á voz dos arvoredos.

Em vão fui perguntar ao Mar que é cego  
A lei do Mar do Sonho onde navégo...

Ao Mar que é cego, que não vê quem morre  
Nas suas ondas, onde o sol escorre...

Em vão fui perguntar ao Mar antigo  
Qual era o vosso desolado abrigo.

Em vão vos procurei, cheio de chagas,  
Por estradas insólitas e vagas.

Em vão andei mil noites por desértos,  
Com passos espectraes, dubios, incértos.

Em vão clamei pelo luar a fóra,  
Pelos occasos, pelo albôr da aurora.

Em vão corri nos areiaes terríveis  
E por curvas de montes impassíveis.

Só um luar, só um luar de morte  
Vagava igual a mim, com a mesma sorte.

Só um luar sempre calado e ductil,  
Para a minha afflicção, acérbo e inutil.

Um luar de silencio formidavel  
Sempre me acompanhando, impenetravel.

Só um luar de mortos e de mortas  
Para sempre a fechar-me as vossas portas.

E eu, já purgado dos terrestres Crimes,  
Sem achar nunca essas portas sublimes.

Sempre fechado á chave de mysterio  
O vosso exilio pelo Azul sidéreo.

Só um luar de tremulos martyrios  
A illuminar-me com clarões de cirios.

Só um luar de desespero horrendo  
Ah! sempre me pungindo e me vencendo.

Só um luar de lagrimas sem termos  
Sempre me perseguindo pelos érmos.

E eu caminhando cheio de abandono  
Sem attingir o vosso claro throno.

Sósinho para longe caminhando  
Sem o vosso carinho venerando.

Percorrendo o deserto mais sombrio  
E de abandono a tiritar de frio...

O' Sombras meigas, ó Refugios térnos  
Ah! como penetrei tantos Infernos!

Como eu descí sem vós negras escarpas,  
O' Almas do meu ser, ó Almas de harpas!

Como senti todo esse abysmo ignáro  
Sem nenhuma de vós por meu ampáro.

Sem a benção gosar, serena e doce,  
Que o vosso Ser aos meus cuidados trouxe.

Sem ter ao pé de mim o astral cruzeiro  
Do vosso grande amor alviçareiro.

Por isso, ó sombras, sombras impoliutas,  
Eu ando a perguntar ás fórmulas brutas.

E ao vento e ao mar e os temporaes que ullulam  
Onde é que esses perfis se crepusculam.

Caminho, a perguntar, em vão, a tudo,  
E só vejo um luar soturno e mudo.

Só contemplo um luar de sacrificios,  
De angustias, de tormentas, de cilícios.

E sem ninguém, ninguém que me responda  
Tudo a minh'alma nos abysmos sonda.

Tudo, sedenta, quér saber, sedenta  
Na febre da Illusão que mais augmenta.

Tudo, mas tudo quér saber, não cessa  
De prescrutar e a prescrutar coméça.

De novo sóbe e désce escadarias  
D'estrellas, de mysterios, de harmonias.

Sóbe e não cança, sóbe sempre, austéra,  
Pelas escadarias da Chiméra.

Vólta, circula, abrindo as azas vólta  
E os vôos de aguia nas Estrellas sólta.

---

Cada vez mais os vôos no alto apruma  
Para as etéreas amplidões da Bruma.

E tanta força na ascensão desprende  
Da envergadura, á proporção que ascende...

Tamanho impulso, colossal, tamanho  
Ganha na Altura, no Explendor estranho.

Tanto os esforços em subir concentra,  
Em tantas zonas de Prodigios entra.

Nas duas azas tal vigôr supremo  
Léva, atravez de todo o Azul extremo,

Que parece com aguias de atras garras  
Com azas gigantescas e bizarras.

Cem aguias soberanas, poderosas  
Levantando as cabeças fabulosas.

E vòa, vòa, vòa, vòa immersa  
Na grande luz dos Paramos dispêrsa.

E vòa, vòa, vòa, vòa, vòa,  
Nas Espheras sem fim perdida a tòa.

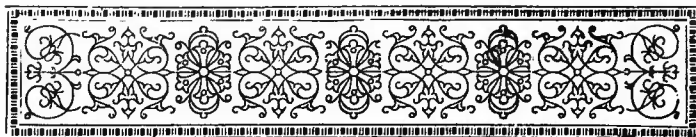
Até que exhausta de fadiga e sonho  
Nessa vertigem, nesse errar medonho.

Até que tonta de abranger Espaços,  
Da Luz nos fulgidissimos abraços.

Depois de vôar a tão subtis Encantos,  
Vendo que as Illusões a abandonáram,  
Chora o luar das lagrimas, os prantos  
Que pelos Astros se crystallisáram !

---





## ÉBRIOS E CÉGOS

Fim de tarde sombria.  
Tôrvo e preságo todo o céu nevoento.  
Densamente chovia.  
Na estrada o lôdo e pelo espaço o vento.

Monotonos gemidos  
Do vento, mórnos, languidos, sensíveis:  
Plangentes ais perdidos  
De solitarios seres invisíveis...

Dous secretos mendigos  
Vinham, bambos, os dous, de braço dado,  
Como estranhos amigos  
Que se houvessem nos tempos encontrado.

Parecia que a bruma  
Crepuscular os envolvia, absortos  
N'uma visão, n'alguma  
Visão fatal de vivos ou de mortos.

E de ambos o andar lasso.  
Tinha talvez algum somnambulismo,  
Como atravéz do espaço  
Duas sombras volteando n'um abysmo.

Era tacteante, vago  
De ambos o andar, aquelle andar tacteante  
De ondulação de lago,  
Tardo, arrastado, tremulo, oscillante.

E tardo, lento, tardo,  
Mais tardo cada vez, mais vagaroso,  
No tôrvo aspecto pardo  
Da tarde, máis o andar éra brumoso.

Bamboleiando no lôdo,  
Como que juntos resvallando aéreos,  
Todo o mysterio, todo  
Se desvendava desses dous mysterios :

Ambos ébrios e cegos,  
No cháos da embriaguez e da cegueira,  
Vinham cruzando pégs  
De braço dado, a sua vida inteira.

Ninguém diria, entanto,  
O sentimento tragico, tremendo,  
A convulsão de pranto  
Que aquellas almas ia turvescendo.

Ninguém sabia, certos,  
Quantos os desesperos mais agudos  
Dos mendigos desertos,  
Ébrios e cegos, caminhando mudos.

Ninguém lembrava as ancias  
D'aquelles dous estados meio gemeos,  
Presos nas inconstancias  
De soffrimentos quasi que bohemios.

Ninguém diria nunca,  
Ébrios e cegos, todos dous tacteando,  
A que atroz espelunca  
Tinham, sem vista, ido beber, bambeando.

Que negro alcool profundo  
Turvou-lhes a cabeça e que sudario  
Mais pesado que o mundo  
Poz-lhes nos olhos tal horror mortuario.

E em tudo, em tudo aquillo,  
N'aquelles sentimentos tão estranhos,  
De tamanho sigillo,  
Como esses entes vis era tamanhos !

Que tão fundas cavernas  
Aquellas duas dôres enjauláram,  
Miseraveis e eternas  
Nos horriveis destinos que as geráram.

Que medonho mar largo,  
Sem lei, sem rumo, sem visão, sem norte,  
Que absurdo tédio amargo  
De almas que apostam duellar com a morte !

Nas suas naturezas,  
Entre si tão oppostas, tão diversas,  
Monstruosas grandezas  
Medravam, já unidas, já dispersas.

Onde a noite acabava  
Da cegueira feral de atros espasmos,  
A embriaguez começava  
Rasgada de ridiculos sarcasmos.

E bebedas, sem vista,  
Na mais que trovejante tempestade,  
Caminhando á conquista  
Do desdem das esmolas sem piedade,

---

Lá iam, juntas, bambas,  
—Acorrentadas convulsões atrozes—.  
Ambas as vidas, ambas  
Já meio allucinadas e ferozes.

E entre a chuva e entre a lama  
E soluços e lagrimas secrétas,  
Presas na mesma trama,  
Turvas, fluctuavam, tremulas, inquiétas.

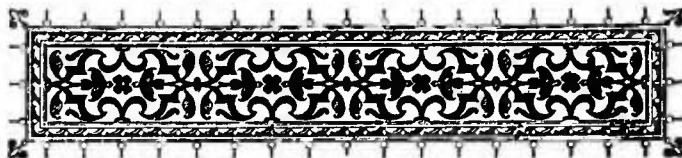
Mas ah ! torpe materia !  
Se as attritassem, como pedras brutas,  
Que chispas de miseria  
Romperiam de taes almas corruptas!

Tão grande, tanta treva,  
Tão terrivel, tão tragica, tão triste,  
Os sentidos subléva,  
Cava outro horror, fora do horror que existe.

Pois do sinistro sonho  
Da embriaguez e da cegueira enórme,  
Erguia-se, medonho,  
Da loucura o phantasma disconforme.

---





## INDICE

---

	Pags.
I. Recolta de estrellas .....	7
II. Recorda .....	12
III. Canção do bebado .....	16
IV. A flôr do diabo .....	19
V. As estrellas .....	23
VI. Pandemonium .....	25
VII. Envelhecer .....	30
VIII. Flores da lua .....	34
IX. Tédio .....	36
X. Lyrio astral .....	41
XI. Sem esperança .....	46
XII. Caveira .....	48

	Pags.
XIII. Requiem de só1 .....	50
XIV. Esquecimento .....	52
XV. Violões que choram .....	58
XVI. Olhos do sonho .....	65
XVII. Enclausurada .....	68
XVIII. Musica da morte .....	70
XIX. Monja negra .....	72
XX. Inexoravel .....	77
XXI. Requiem .....	80
XXII. Visão .....	83
XXIII. Presago .....	85
XXIV. Ressurreição .....	89
XXV. Enlêvo .....	93
XXVI. Piedosa .....	95
XXVII. Ausencia mysteriosa .....	103
XXVIII. Meu filho .....	105
XXIX. Visão guiadôra .....	109
XXX. Litania dos pobres .....	111
XXXI. Spleen de Deuses .....	117
XXXII. Divina .....	119
XXXIII. Cabellos I .....	121
Olhos II .....	123
Bocca III .....	125
Seios IV .....	127
Mãos V .....	129
Pés VI .....	131
Corpo VII .....	133
XXXIV. Canção negra .....	135



---

	Pags.
XXXV. A ironia dos vermes .....	139
XXXVI. Ignez .....	143
XXXVII. Humildade secreta .....	146
XXXVIII. Flôr perigosa .....	148
XXXIX. Metempsychose .....	151
XL. Monges .....	153
XLI. Tristeza do infinito.....	158
XLII. Luar de lagrimas .....	161
XLIII. Ebrios e cegos .....	171

---



---

**NOTA**

---



CRUZ E SOUZA confiou-me antes de partir para a estação do Sítio, onde tres dias depois fallecen, todos aquelles de seus manuscritos que elle destinava á publicação.

Formam elles tres livros, dos quaes ajuda em vida sua, começou-se a tratar de publicar "EVOCÇÕES", em prosa, que ha mais de um anno foi lançado á venda. Deve-se em grande parte o facto d'essa publicação ao Sr. Saturnino de Meirelles, á quem confiei os manuscritos d'aquelle livro, tendo-se elle offerecido para assumir a responsabilidade material da edição.

O segundo, de versos, sahe agora sob este titulo de "PHARÓES", CRUZ E SOUZA ainda não havia deliberado definitivamente sobre o nome geral que daria á collecção; em todo caso este que resolvei adoptar foi lembrado por elle, embora n'um tom consultivo, em conversa, horas antes de sua partida, entre elle, o nosso amigo commum Arthur de Miranda e eu. Achei que bastava tal indicação da parte do autor para impedir-me de continuar a preoccupar-me com a questão da escolha de um titulo ao livro. Este é publicado por iniciativa minha e com a coadjuvação poderosa dos meus amigos e compañheiros intellectnaes Gustavo Santiago e Oliveira Gomes.

Resta o terceiro, agora, "ÚLTIMOS SONETOS", que será publicado depois, conforme as circumstancias do momento permittirem. Este me veiu ás mãos separado da collecção que ora se publica, mas sem titulo geral, apenas com a declaração do proprio punho do autor de que eram os seus *ultimos sonetos*. Tal declaração foi que suggeriu o titulo adoptado.

N'esta edição dos "PHARÓES", que pude revisar da primeira á ultima pagina, o que não se den com as "EVOCÇÕES", leves modificações orthographicas, apenas, foram feitas, e n'um ou dois pontos ligeira alteração de palavras para a correcção do metro. Só uma poesia não tinha titulo em toda a collecção a XXXV, pag. 139, a que dei o nome de "IRONIA DOS VERMES" para uniformisar n'este ponto o aspecto exterior do livro.

Guardo, alem d'estas tres obras, algumas peças de prosa e verso a mim confiadas pela piedosa vinva do poeta. Mas d'essas umas são trabalhos modernos que, no entanto, elle retirou das collecções a que os destinava a principio, ontras são producções antigas, dos tempos de primeira formação do seu talento, completamente destoantes de sua obra definitiva. Conservo-as como documentos preciosos, mas me parece que deixando de publical-as como trabalhos de Arte son fiel ás intenções do autor e correspondo melhor á confiança que elle em mim depositou.

NESTOR VICTOR.









## BRASILIANA DIGITAL

### ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

**1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais.** Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

**2. Atribuição.** Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

**3. Direitos do autor.** No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente ([brasiliiana@usp.br](mailto:brasiliiana@usp.br)).